

**AMBIENTE E (IN)JUSTIÇA : O RACISMO
AMBIENTAL NA CONTEXTUALIZAÇÃO
DE JARDIM GRAMACHO**



Universidade Federal do Rio de Janeiro
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
Trabalho Final de Graduação II

Letícia Narciso Barbosa | DRE: 115128107
Orientadora: Eliana Rosa Queiroz Barbosa
2021.2

AMBIENTE E (IN)JUSTIÇA: O RACISMO AMBIENTAL NA CONTEXTUALIZAÇÃO DE JARDIM GRAMACHO

Banca Examinadora

Cláudio Ribeiro
Eliana Rosa Queiroz Barbosa
Stéfany Silva

2021.2

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha orientadora, Eliana Queiroz por todo o apoio e auxílio que me deu durante esse processo que foi produzir o trabalho. Fico muito honrada de ter tido sua orientação e a sua confiança.

À Deus, pois sem Ele nada disso seria possível. E claro, aos meus pais, Valmir e Zenilza, pelo apoio que me deram do início ao fim dessa longa jornada. Esse incentivo e apoio que não veio apenas no início da faculdade e sim durante toda minha vida, fazendo com que eu buscasse meus sonhos e objetivos. Agradeço minha irmã, Laís pelo companherismo durante todo esse processo, principalmente na confecção desse trabalho.

Aos meus amigos de vida: Yasmim Maria, Brenda Gabrielle, Amanda de Castro, Leonardo Ribeiro, Ana Paula Souza, Ramon Fernando, Karina Peres, Bruna Rodrigues e Daniele Euzébio que me deram ombro para chorar, força para seguir, opiniões, conselhos e risadas.

Agradeço aos amigos que fiz durante a graduação, que estão na minha vida desde 2015.2, me apoiando, sendo base, força, agradeço do fundo do meu coração: sem vocês eu não conseguiria. Vocês foram muitas vezes o motivo que eu tinha para ir na Fau, para suportar as pressões diárias, obrigada: Ana Beatriz Lima, Ana Carolina Novak, Ana Carolina Síndico, Andria Rosa, Jessica Lage, Mariane Vasconcelos, Lucas Levi, Rafaela Maia, Aline Pereira e João Pedro.

RESUMO

O presente trabalho busca fazer uma análise racial, ambiental e social no entorno do Aterro Sanitário Metropolitano do Rio de Janeiro, localizado no sub-bairro de Jardim Gramacho, município de Duque de Caxias. A área de estudo possui conflitos ambientais e sociais intensificados pela presença do aterro e a intenção é utilizar o racismo ambiental como uma lente teórica para entender a situação naquele lugar.

Palavras chave: Racismo ambiental, justiça ambiental, vulnerabilidade

ABSTRACT

The present work seeks to make a racial, environmental and social analysis around the Metropolitan Sanitary Landfill of Rio de Janeiro, located in the sub-district of Jardim Gramacho, municipality of Duque de Caxias. The study area has environmental and social conflicts intensified by the presence of the landfill.

Keywords: Environmental racism, environmental justice, vulnerability

SUMÁRIO

1- Introdução

1.0- Introdução	8
1.1- Justificativa do tema.....	9
1.2- Objetivos	10
1.3- Metodologia	11

2- Fundamentação

2.1- Raça e Classe : A Estruturação da Cidade	14
2.2- Conceito de Racismo Ambiental: Meio Ambiente e Injustiça.....	16
2.3- Região Metropolitana do Rio de Janeiro	20
2.3- Uma Análise Cartográfica RMRJ: Zonas de Sacrifício.....	25

3- Duque de Caxias e Gramacho

3.1- Baixada Fluminense e Duque de Caxias.....	30
3.2 - Globalização e Periferia: O Bairro Gramacho.....	31
3.3 - Gramacho.....	34

4- Objetivos

4.1- Jardim Gramacho.....	38
4.2- O Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho.....	42
4.3 - Jardim Gramacho: Três Janelas Para o Racismo Ambiental.....	54
4.4- Conclusão.....	60
4.5- Bibliografia.....	61

INTRODUÇÃO



Fonte: R.U.A FOTOCOLETIVO
Disponível em: www.vicw.com.br
2015

1.0 INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como finalidade fazer um estudo sobre o território de Jardim Gramacho, bairro pertencente ao Município de Duque de Caxias, sob a lente do que chamamos de racismo ambiental. Com isso, ele pretende contribuir com os estudos urbanos que trazem um recorte racial, mostrando que as desigualdades do país passam pelo âmbito racial e que uma das consequências pode ser o racismo ambiental.

A área periférica da Região Metropolitana, área onde localiza-se o local de estudo, é de grande importância para o desenvolvimento econômico e social do Rio de Janeiro. Historicamente, mostrou-se um território dinâmico e aberto à mudanças, pois suas áreas sofreram recorrentes modificações físicas para dar o suporte necessário para o crescimento da capital.

Essas mudanças nem sempre foram positivas ou suficientes para transformá-las em áreas com estrutura urbana adequada. O que fica claro é que as áreas mais periféricas possuem dramáticas carências como: índices elevados de pobreza e vulnerabilidade, conflitos ambientais, falta de infraestrutura e equipamentos, e ambientes urbanos de pouca qualidade, ou seja, são áreas que estão em constante desvantagem em relação às outras da cidade, mostrando como os danos sociais, ambientais são distribuídos de maneira desproporcional e desigual entre a população, onde: os benefícios ficam para os brancos de renda média e alta, e os malefícios são destinados às comunidades negras e pobres.

Para a elaboração do trabalho e fundamentação dos dados apresentados, foram utilizadas referências que abordam questões raciais no urbanismo, urbanização do Rio de Janeiro e Baixada Fluminense e segregações urbanas raciais e de classe, e principalmente os impactos ambientais sofridos pela população local, como os trabalhos de GARCIA 2006; VESCINA 2010; ACSELRAD 2020; OLIVEIRA 2007), além do mapeamento que permite explorar diversas escalas do território, as condições físicas e transformações por ações do homem e principalmente ajudar na identificação das carências presentes no território de estudo relacionando-as ao conceito de justiça ambiental.

É importante ressaltar que nesse território as injustiças ambientais são consequências das desigualdades e por isso esse tema será aprofundado de acordo com o avanço do trabalho, culminando na discussão sobre racismo ambiental, visto que a desigualdade anda lado a lado à exclusão, elas determinam onde há concentração de riqueza e privilégios, e onde há privações, desrespeito e falta de dignidade.

1.2 JUSTIFICATIVA DO TEMA

A intenção de usar a questão racial se deu pela minha própria vivência como mulher negra, moradora da Baixada Fluminense, por saber das precariedades que esse território sofre e principalmente por enxergar as potencialidades que ele também apresenta, sabendo que não seria fácil essa fundamentação, pois os dados encontrados muitas vezes não possuem aprofundamento e raras vezes servem de suporte para desdobramento em pesquisas de caráter interseccional, principalmente em arquitetura e urbanismo.

Ianni (1987, p.110-111 apud GARCIA, 2006, p.40-41) aborda como dados raciais foram sendo implantados, com uma certa dificuldade.

“a omissão do quesito cor nos recenseamentos brasileiros, em alguns períodos (1889 e 1891 quando o governo republicano mandou queimar a documentação sobre a escravatura, por exemplo), revelam a ideologia racial do branco brasileiro das classes dominantes, dos intelectuais e técnicos que servem nas instituições de pesquisa governamentais e privadas”. E alguns dos efeitos segundo o autor são: com a supressão dos dados suprimem-se fatos e, portanto, impede-se de conhecer a realidade racial do país; quem decide sobre as estatísticas a serem produzidas são os brancos (ou seus subalternos), interessados em localizar, dramatizar ou resolver problemas. Os problemas raciais não são problemas de fácil solução, sejam eles graves ou menores. Além do mais, a resolução dos problemas do preconceito, discriminação e segregação social (econômica e política) do negro e do mulato não cai no horizonte da contabilidade de custos e lucros em que normalmente se coloca o branco das classes dominante; ao branco é conveniente que o negro e o mulato não saibam quantos são, onde se acham, como vivem e de que forma participam da renda, da cultura e das decisões.”

Além disso, foi durante minha experiência com voluntariado na ONG TETO que tive o primeiro contato com Jardim Gramacho e ver de perto a realidade da desigualdade sócio-racial presente no Rio de Janeiro para aquele território. Com isso, fiz um relato da experiência que fez eu ter uma ótica diferente para a Baixada Fluminense e mergulhar de cabeça nesse lugar.

Assim, o trabalho alterna reflexões sobre a cartografia da Região Metropolitana, de Duque de Caxias e de Jardim Gramacho com meus relatos pessoais, como parte da experiência de ação direta neste território e do encontro com essa zona de sacrifício, para assim fundamentar a abordagem cartográfica sobre o racismo ambiental.

1.3 OBJETIVOS

O trabalho possui como objetivo fazer análises e mapeamentos utilizando a cartografia como ferramenta de estudo e fundamentação, para entender a forma como o racismo estrutural foi importante para constituir o território conforme se encontra hoje, focando principalmente no bairro de Jardim Gramacho, que foi escolhido em 1978 para abrigar o maior aterro sanitário da América Latina.

Afim de entender as condições que levaram à escolha do local, cruzando-as com as questões raciais que também são levantadas, e finalmente chegar em fatos que estruturam esse território de estudo, principalmente na esfera ambiental.

Alguns objetivos específicos foram um norteamento para a confecção do trabalho, são eles:

- Elaborar uma análise histórica da Baixada Fluminense, usando a lente racial como um norte para entender o recorte.
- Levantar dados estatísticos e confeccionar cartografia que expresse seu resultado.
- Apresentar o território de Duque de Caxias sob a ótica racial, fazendo o recorte em Jardim Gramacho e conseqüentemente no Aterro Sanitário
- Aprofundar a conceituação da noção de Racismo Ambiental, relacionada à noção de Justiça Ambiental
- Interpretar graficamente os conflitos socioambientais no entorno do Lixão, revelando suas fragilidades e seu potencial.
- Entender de forma cartográfica as dinâmicas que ocorreram no Jardim Gramacho após o fechamento do aterro sanitário.

1.4 METODOLOGIA

A metodologia adotada consiste, primeiramente, a partir de uma experiência pessoal, me debruçar sobre a história do território em estudo, o Jardim Gramacho. Para isso foi selecionado um conjunto de leituras, teses e artigos, para alinhar com a temática proposta, ou seja, estudos com lentes teóricas.

O levantamento de dados secundários também foi uma ferramenta essencial para o desenvolvimento do trabalho, como por exemplo: dados estatísticos socio raciais, dados ambientais, principalmente para a escolha e análise dos mapas utilizados.

Com isso, o trabalho ganhou uma fundamentação e um aprofundamento do território de Jardim Gramacho, se tornando uma ferramenta para estudos futuros.

FUNDAMENTAÇÃO



Fonte: CLP, Centro de Liderança Pública
Disponível em: <https://www.clp.org.br/como-o-programa-lixao-zero-substituiu-os-lixoes-do-rio-de-janeiro-por-aterros-sanitarios/>
(sem data)

2.1 Raça e Classe: A Estruturação da Cidade

O racismo vai além de episódios comportamentais, mas trata-se de um componente estrutural ligado à organização de uma sociedade de classe capitalista como a brasileira. A relação de raça e classe foi essencial na estruturação e organização urbana de diversas cidades do país, principalmente Rio de Janeiro que já recebeu, em um período da história, o papel de ser a capital do País, fazendo com que a cidade tenha recebido o maior número de população escrava da América Latina na primeira metade do século XIX. (Karasch, 2000 apud Garcia, 2006).

A grande parcela da população escravizada que permaneceu na Cidade foi fundamental para influenciar a história e a cultura da população negra no Rio de Janeiro, fortalecendo a formação sócio-histórica do país que na realidade, a partir da década de 30 foi baseada no mito da democracia racial por causa da miscigenação ocorrida na história. Esse fato representa muito nos estudos urbanos, principalmente quando usamos o recorte racial para explicar segregação urbana, visto que o negro foi afastado do que era considerado belo, bom, moderno, enquanto brancos usufruíam de áreas consideradas nobres.

A cidade do Rio de Janeiro passou por transformações econômicas, sociais, políticas demográficas e culturais na sociedade, havendo um grande crescimento urbano, onde a produção da habitação tinha relação direta com relações capitalistas, consequentemente havendo exclusão de grande massa urbana, fazendo com que uma grande parcela da população, composta por pessoas escravizadas e pessoas sem ascensão social ficassem sem terra, casa e acesso ao mercado de moradia, ocupando áreas desvalorizadas da cidade, como os morros, baixadas e alagados.

Essa situação andou paralelamente ao desenvolvimento da cidade, ou seja, da época colonial até os dias de hoje, visto que a organização espacial sempre se baseou nos interesses das classes dominantes. Lélia Gonzalez exemplifica isso no trecho:

“ O lugar natural do grupo branco dominante são moradias amplas, espaçosas, situadas nos mais belos recantos da cidade ou do campo e devidamente protegidas por diferentes tipos de policiamentos: desde os antigos feitores, capitães do mato, capangas, etc, até a polícia formalmente constituída.

Desde a casa grande e do sobrado, aos belos edifícios e residências atuais, o critério tem sido sempre o mesmo. Já o lugar natural dos negros é o oposto, evidentemente das senzalas às favelas, cortiços, porões, invasões, alagados e conjuntos habitacionais (cujo modelo são os guetos dos países subdesenvolvidos) dos dias de hoje, o critério também tem sido simetricamente o mesmo: a divisão racial do espaço (GONZALEZ, 1982, p115 apud GARCIA, 2008)

Isso explica o fato da cidade do Rio de Janeiro ter historicamente se desenvolvido com raízes do racismo estrutural, fazendo com que a construção do seu território sofresse com diversas segregações em decorrência da separação por classe social além das desigualdades raciais reproduzidas pelo racismo, onde se encaixa a situação da Periferia Metropolitana do Rio de Janeiro. Área que sofreu diversas transformações físicas, econômicas, sociais e que tem a carência generalizada como grande protagonista de sua história.

Vale ressaltar a relação entre classes sociais e preconceitos, entre poder econômico e racismo, pois é isso que nos permitirá reconhecer as facetas e as nuances que transveste o preconceito, explicando assim o fato que historicamente, toda discriminação racial passava pela situação econômica do país, pois a discriminação fez com que a população negra sofresse explorações no percurso de sua história, sendo vistos como inferiores, incapazes, vivenciando as piores condições de vida em termos sociais, econômicos, materiais e políticos.

A Baixada Fluminense que possui uma importância econômica enorme para a Metrópole, exemplifica como regiões da cidade são exploradas e desvalorizadas e que esse fato não é um recorte atual e sim estrutural de sua história.

2.2 Conceito de Racismo Ambiental: Meio Ambiente e (In)justiça

O conceito de Racismo Ambiental surgiu nos anos de 1981 através de um grupo de negros que se mobilizaram contra o descaso das autoridades, diante da poluição das fábricas presentes em bairros negros periféricos, evidenciando a falta de interesse em proporcionar uma qualidade de vida à população negra.

“ Racismo ambiental é a discriminação racial nas políticas ambientais. É a discriminação racial na escolha deliberada de comunidades de cor para depositar rejeitos tóxicos e instalar indústrias poluidoras. É discriminação racial não sancionar oficialmente a presença de venenos e poluentes que ameaçam as vidas nas comunidades de cor.

É discriminação racial excluir as pessoas de cor, historicamente, dos principais grupos ambientalistas, dos comitês de decisão, das comissões e das instâncias regulamentadoras.”

(CHAVES, 1981)

O movimento procura por justiça ambiental ligando raça, pobreza, poluição, problemas ambientais, desigualdades sociais à elaboração de leis, maneiras de contribuição para comunidades afetadas, conscientização popular, entre outros mecanismos de evolução. No Brasil o movimento ganhou força em 2000 através da CUT (Central Única dos Trabalhadores) com uma coleção intitulada “ Sindicalismo e Justiça Ambiental” e é um movimento que vai além do racismo, pois quando consideramos as questões sociais, ou seja, colocando as relações sociais como objeto central é possível lutar por uma sociedade mais justa, ponto importante para que possamos identificar com mais clareza quando estiver ocorrendo casos de injustiça social, ambiental e racial.

Com a junção do movimento social mais o conceito de justiça ambiental é possível notar problemas que são transferidos para regiões desprivilegiadas, que na grande maioria são compostas por pessoas negras e pobres e que estão mais propensas a sofrerem consequências de ações provenientes de pessoas privilegiadas e de classes dominantes, residentes de áreas favorecidas da cidade, são as chamadas zonas de sacrifícios, onde claramente há uma distribuição desigual do uso do solo, das habitações, no desenvolvimento de infraestrutura, como acesso à saneamento básico, acesso à água, entre outros. Por isso considera-se que justiça social e ambiental se sustentam respectivamente, pois se um território possui carências de infraestrutura, possivelmente estará ocorrendo conflitos ambientais também naquele território.

Quando tratamos de injustiças ambientais, conseguimos enxergar como a distribuição socioespacial, a segregação e o preconceito estão diretamente ligados às escolhas de onde estarão presentes as indústrias poluidoras, os lixões, os aterros sanitários, lixos tóxicos na cidade, e quem receberá e viverá diretamente com as consequências dessas escolhas. O que acontece é que uma classe dominante e favorecida faz a escolha, implanta e lucra com ela, e escolhem territórios que vivem em situação de vulnerabilidade. Ascelrad (2004) enfatiza em suas análises a importância de haver equilíbrio e respeito para toda população, como explicita o trecho abaixo:

[...] busca do tratamento justo e do envolvimento significativo de todas as pessoas, independentemente de sua raça, cor, origem ou renda no que diz respeito à elaboração, desenvolvimento, implementação e reforço de políticas, leis e regulações ambientais. Por tratamento justo entenda-se que nenhum grupo de pessoas, incluindo-se aí grupos étnicos, raciais ou de classe, deve suportar uma parcela desproporcional das consequências ambientais negativas resultantes de operações industriais, comerciais e municipais, da execução de políticas e programas federais, estaduais, locais ou tribais, bem como das consequências resultantes da ausência ou omissão dessas políticas. (Bullard apud Acselrad, 2004, p. 9 apud Pereira 2017).

Infelizmente não é o que ocorre no Brasil, um país que claramente possui diversas desigualdades sociais e raciais, onde uma parcela da população acaba sofrendo mais danos em relação a outros. Quando falamos em danos, é importante frisar que eles podem ser de diferentes categorias, indo de problemas de saúde pública à falta de equipamentos de lazer, à falta de saneamento e à escola, chegando até mesmo à falta de água potável, um item básico de sobrevivência e de direito de toda a população.

Com isso, a luta é para que haja justiça nas escolhas, que todos tenham acessos à toda infraestrutura, social, econômica, educacional, pois são direitos de todo cidadão. Direitos esses que devem ser priorizados e respeitados, para que todos tenham uma vida digna.



Figura 2.1 - Alvo tem cor e cep.
Elaborado por Letícia Narciso
(2022)

2.3 Região Metropolitana do Rio de Janeiro

A estrutura urbana do Rio de Janeiro se deu muito pelo interesse do capital, o que ocasionou um espaço altamente segregado, principalmente se tratando da presença do Estado, responsável por grande influência na distribuição espacial das classes sociais, no decorrer do tempo. Segundo Castells apud Andreatta (1997) “o espaço não é independente da estrutura social, é, isto sim, a expressão concreta de cada fase histórica na qual uma sociedade se especifica”, ou seja, é essencial que se busque entender as interações dos processos sociais, econômicos e políticos que ajudaram a conceber a organização espacial de hoje, logo, se torna indispensável uma análise histórica.

Para podermos chegar na fase de constituição da Região Metropolitana, é importante ter em mente, todo o processo histórico da cidade do Rio de Janeiro, pois desde o período colonial a cidade desempenha um papel político e econômico indispensável. Foi sede de província, foi sede do império português, até chegar ao ponto de capital federal com a proclamação da república, sendo considerada também a sede do poder central do Brasil.

No período colonial o sistema de ocupação utilizado era a doação de sesmarias e o que conduzia a economia eram as atividades agrícolas, com destaque a cana de açúcar, no século XVI, e posteriormente o café. As fazendas e os engenhos eram localizados próximos aos rios, estrategicamente por causa da facilidade de transporte, logo, tinha como base o transporte fluvial, ocasionando assim um desenvolvimento em volta de áreas com presença de rios. Posteriormente

Brasil Colônia

- Período em que houve invasão dos franceses nas terras do Rio de Janeiro (1710 - 1711) e a fundação da cidade, que inicialmente foi chamada de São Sebastião do Rio de Janeiro.

- Período de expansão da cidade que era dominada por pântanos e lagoas que foram sendo aterradas. Até então a economia tinha como base a Em 1763, a capital de Salvador foi transferida para o Rio, e a era do ouro foi implantada, esse fato foi essencial para a expansão territorial e populacional.

- Chegada da Família Real na cidade (1808)

Brasil Imperial

- Destaque para o ano de 1824, onde começou ter um aumento significativo da população. Em 1858 foi inaugurada a Estrada de Ferro, essencial para o transporte de mercadorias que movimentavam a economia.

foi a vez das linhas férreas, iniciadas no ano de 1854, terem forte influência na estruturação urbana e expansão territorial.

As linhas férreas funcionavam como eixos que ligavam pontos estratégicos economicamente, principalmente na era do café, no século XIX, pois eram as responsáveis por ligar o Rio de Janeiro à outros estados, como São Paulo e Minas Gerais destacando o fato do Rio de Janeiro ser um ponto central devido ao fato de abrigar o principal porto do país, confirmando assim sua grande potência como centralidade. Todo esse processo fez com que houvesse uma concentração de atividades econômicas, população atraída a trabalhar e viver nessas áreas, e consequentemente uma segregação social, além do fortalecimento para que o processo de metropolização se tornasse real. A presença das ferrovias favoreciam o escoamento dos produtos agrícolas até os portos do Rio, além de ajudar o transporte de mercadorias industriais, como máquinas e matérias primas. Devido a esse ciclo de investimentos, concentração de capital, mercado consumidor, foi criando um investimento na área de indústria da cidade carioca. Consequentemente, no início do século XX, o Rio de Janeiro se torna o principal centro industrial do país, sofrendo

depois de um tempo com a concorrência direta com São Paulo.

O processo de industrialização ajuda a consolidar o processo de consolidação de metropolização da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, ressaltando a continuidade de importância dos dois grandes eixos, visto que eles foram essenciais para o desenvolvimento: eixo saindo do Rio de Janeiro e indo em direção à Zona Oeste, à Baixada Fluminense seguindo os trilhos férreos e o segundo eixo que contorna a Baía de Guanabara. Com isso, uma grande expansão urbana surge, se tornando base para a Região Metropolitana, no final do século XIX e início do XX.

A formação da Região Metropolitana se organizou espacialmente como centro-periferia, onde a área central possuía a concentração de investimentos públicos e privados, infraestrutura urbana e melhores condições de vida, assim como a concentração de pessoas com alto poder aquisitivo

Brasil República

- 1859, ano das primeiras linhas de bonde. Os bondes foram essenciais para o desenvolvimento das áreas nobres, assim como os trens foram para o subúrbio. Já em 1882 surgiu a primeira linha de trem eletrificada.

- 1888 - Assinatura da Lei Áurea, início de uma mudança para as pessoas que estavam sendo escravizadas no Brasil.

- 1902 - 1906 - Reforma Pereira Passos. Foi o período de muitas mudanças urbanísticas para a cidade do Rio de Janeiro. Tinha como finalidade a modernização da cidade, saneamento para higienização da cidade entre outros.

- 1904- ano em que uma parcela da população foi removida das áreas centrais da cidade, sendo destinadas ao subúrbio, às favelas

- 1914-1918- Período da Primeira Guerra Mundial e para o Brasil, o período de industrialização, onde o Rio de Janeiro era considerada a cidade mais industrializada do país. Esse fato fez com que uma parte da população ocupasse o subúrbio.

- 1930 - 1945 - Período da Era Vargas, onde a população rica ia ocupando as áreas mais privilegiadas, como beira-mar. As indústrias foram afastadas das áreas centrais e da Zona Sul. Além da construção da Avenida Presidente Vargas, um fato que ajudou no deslocamento dos mais pobres da região central.

e a periferia ficando com escassez e precárias infraestruturas, ou seja, todo o processo de evolução sofrida pela cidade do Rio de Janeiro acarretou numa metropolização com diferenças e desigualdades entre suas áreas. Levrefe (1999, p 24 Apud Silva, 2015) discorre sobre no trecho:

“(...) a implosão-explosão(metáfora emprestada da física nuclear) ou seja, a concentração (de pessoas, de atividades, de riquezas, de coisas e de objetos, de instrumentos, de meios e de pensamento) na realidade urbana, e a imensa explosão, a projeção de fragmentos múltiplos e disjuntos (periferia, subúrbio, residências secundárias, satélites, etc)” Levrefe (1999, p 24 Apud Silva, 2015)

Essa metáfora ajuda a entender o processo de transformação de cidade em metrópole, onde a concentração de pessoas e atividades com mudanças suficientes para a consolidação de uma metrópole. No Rio de Janeiro a região metropolitana foi sendo formada devido ao crescimento das atividades industriais, comerciais e populacionais, logo inicia-se a expansão territorial com grande fragmentação, carências e pobreza. Tem como modelo de organização espacial o centro-periferia, onde a área central é representada pela cidade do Rio de Janeiro, a zona sul e niterói, com estrutura e funções voltadas para uma parte específica da sociedade, a elite. E a área restante se trata da zona oeste, baixada fluminense e municípios das zonas leste da Guanabara.

Com essa distribuição, a área central concentrou investimentos privados e públicos, estrutura urbana com qualidade, enquanto as outras áreas sofrem por precariedades, evidenciando, assim, a discrepância entre realidades, de quem recebe e é visto como importante e de quem é visto como fonte de lucro vivendo com condições precárias.

É importante ressaltar a importância de saber que a história da baixada fluminense, local onde se situa a área de estudo, está inserida dentro da história do Rio de Janeiro, visto que se trata de uma área que sempre teve importância, principalmente econômica, assim como a configuração do que viria ser a Região Metropolitana do Rio de Janeiro, que tem uma estruturação diretamente associada à dinâmica da economia da cidade do Rio de Janeiro.

Histórico RMRJ

1974

• Criação da Região Metropolitana do Rio de Janeiro

1975

• Criação da FUDREM- Fundação de Desenvolvimento da Região Metropolitana.
• Essa fundação teve um papel essencial na criação do aterro sanitário de Jardim Gramacho.

1989

• Ano de extinção da FUDREM.

1990

• Reformulação da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, assegurada pela LCE n° 64

1997

• Reformulação da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, assegurada pela LCE n° 67

Foi em 1974 que a Região Metropolitana foi criada e reconhecida, após diversas mudanças em sua formação. Foi a junção entre os Estados do Rio de Janeiro e da Guanabara, através da Lei Complementar Federal nº 20/1974. Essa junção não foi suficiente para agregar os municípios, pelo contrário, serviu para intensificar os conflitos. Hoje é uma Região composta por 22 municípios, são eles: Belford Roxo, Duque de Caxias, Guapimirim, Itaboraí, Itaguaí, Japerí, Magé, Maricá, Mesquita, Nilópolis, Niterói, Nova Iguaçu, Paracambi, Petrópolis, Queimados, Seropédica, São Gonçalo, São João de Meriti, Tanguá, Cachoeiras de Macacu, Rio Bonito e Rio de Janeiro.

Grande parte dos municípios pertencem à Baixada Fluminense, uma área que sempre foi vista como importante para a economia mas que por ter sido abrigo da parcela da população, que não tinha condição de residir próximo à metrópole, e foi se distribuindo pelo território que não recebeu o mesmo tratamento das áreas próximas ao centro.

2007

• Criação da Subsecretaria de Urbanismo Regional Metropolitano.

2010

• Acordo com BID em busca de um plano diretor metropolitano

2013

• Reformulação da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, assegurada pela LCE nº 158

2014

• Ano de inauguração do Arco Metropolitano

2014

• Decreto para a criação da Câmara Metropolitana.

2.2 Uma análise cartográfica RMRJ: Zonas de sacrifício

O termo zona de sacrifício vem atrelado diretamente aos movimentos que buscam justiça ambiental em territórios que sofrem até hoje danos e riscos ambientais decorrentes de instalações de empreendimentos poluidores.

Um dos autores que abordam a temática de justiça ambiental, zonas de sacrifício é Martinez Allier (1999) que designa “ambientalismo dos pobres” os segmentos sociais mais vulneráveis que tem a base material ameaçada. O ambientalismo dos pobres é marcado, no Brasil, pela resistência à supremacia das intervenções no espaço pelos empreendimentos capitalistas hegemônicos. E segundo Acserald (2001) pode-se entender que os custos ambientais foram sempre socializados e historicamente serviram como benefício do Estado para a extensão territorial capitalista brasileira.

A socialização, a localização e a distribuição espacial dos custos ambientais são estrategicamente definidos pela economia mundial. Esses espaços são definidos como zonas de sacrifício (Ascelrad, 2004 apud Plácido 2015), podendo ser melhor definido no trecho abaixo:

O capital [...] mostra-se cada vez mais móvel, acionando sua capacidade de escolher seus ambientes preferenciais e de forçar os sujeitos menos móveis a aceitar a degradação de seus ambientes ou submeterem-se a um deslocamento forçado para liberar ambientes favoráveis para os empreendimentos [...] o capital dispõe da capacidade de se deslocar, enfraquecendo os atores sociais menos móveis e desfazendo, pela chantagem da localização, normas governamentais urbanas ou ambientais, bem como as conquistas sociais [...] assim o capital especializa gradualmente os espaços,

produzindo uma divisão espacial da degradação ambiental e gerando uma crescente coincidência entre a localização de áreas degradadas e de residências e classes socioambientais dotadas de menor capacidade de se deslocar. (ACSELRAD, 2004, p.32-33)

Na Região Metropolitana do Rio de Janeiro não foi diferente, visto que faz parte de uma territorialização capitalista, com implantação e consolidação de indústrias como forma de uma política desenvolvimentista. Porém nota-se uma concentração de indústrias em áreas estratégicas da cidade, que são ironicamente áreas da Baixada Fluminense, como por exemplo a Avenida Washington Luiz que abriga o maior polo industrial do Estado, mostrando que atualmente como funciona a centralização periférica, que nada mais é do que consolidação de centralidades que vão além do núcleo metropolitano, mudanças essas que ocorreram graças à circulação de mercadorias e fluxos de pessoas.

Duque de Caxias, Nova Iguaçu e São Gonçalo, são exemplos de grandes cidades periféricas, pois recebem fluxos intermunicipais, além de obter uma concentração de mão de obra, mas ainda são vistas como cidades dormitórios quando comparadas ao seu núcleo.

Considerando, essas análises feitas, foi feito um copilado de mapas, retirados da plataforma Modelar Metrôpole, que se trata de uma plataforma de iniciativa do Estado do Rio de Janeiro, afim de utilizar dados e confecções de mapas, para propor planos de estratégicos da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, afim de servir como orientação base, tanto para os governantes, como para a sociedade.

Figura 2.2 : Mapa percentual da população preta e parda na Região Metropolitana

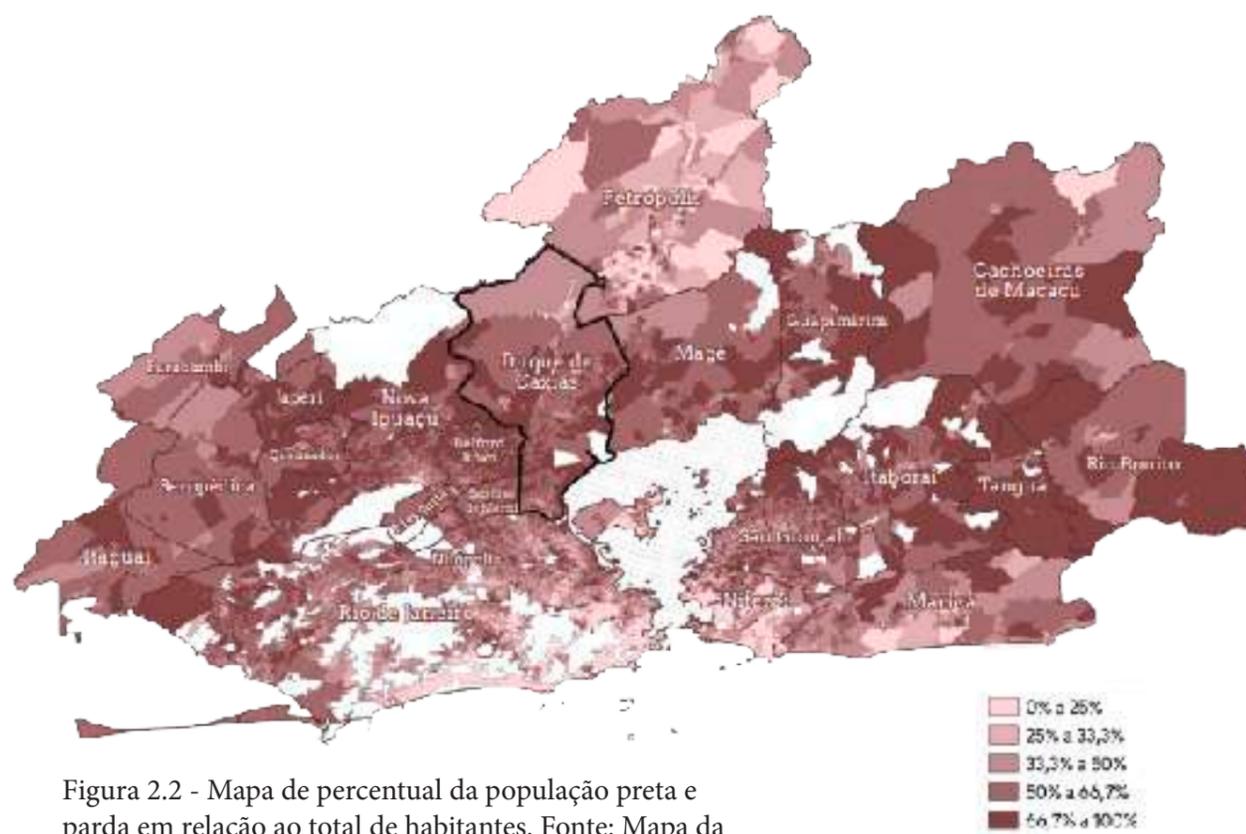


Figura 2.2 - Mapa de percentual da população preta e parda em relação ao total de habitantes. Fonte: Mapa da Desigualdade/ Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Disponível em:

Figura 2.3 : Mapa de renda média

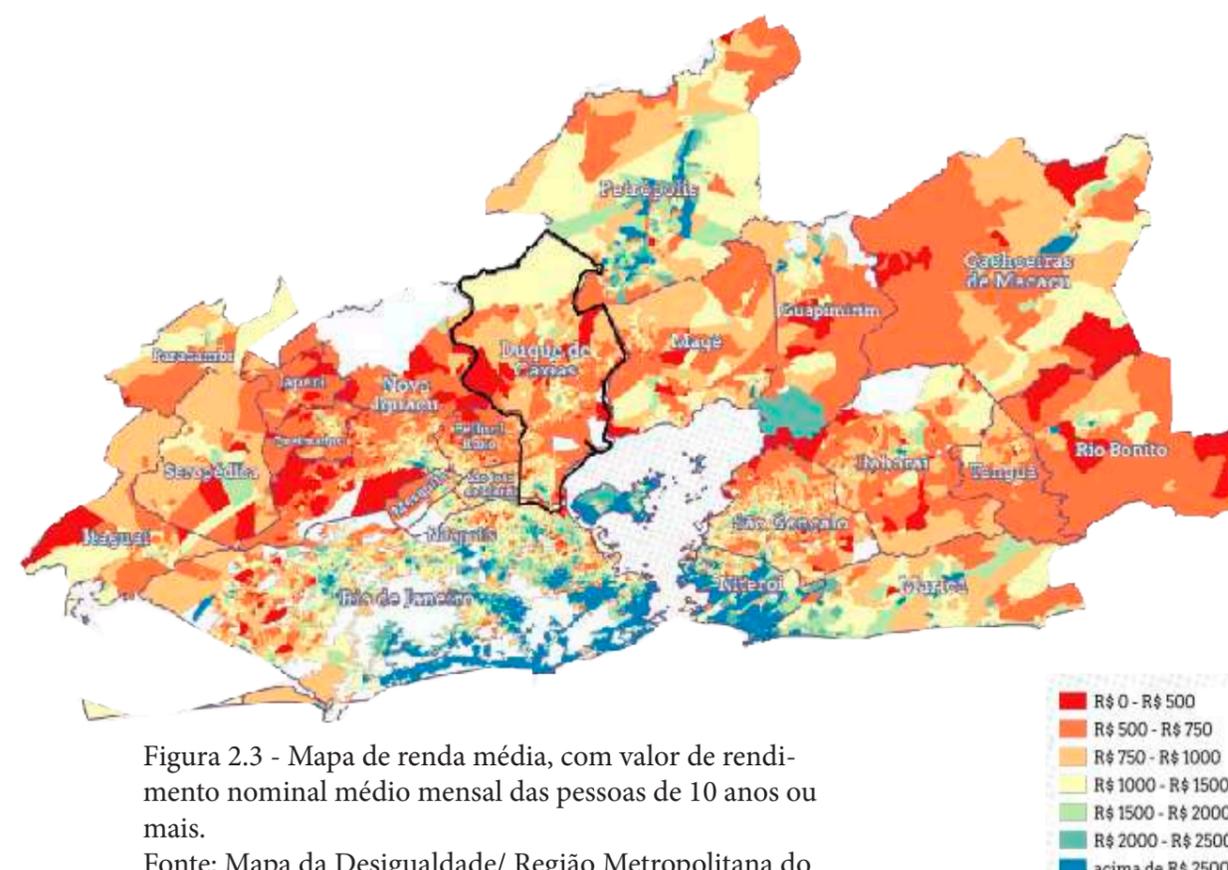


Figura 2.3 - Mapa de renda média, com valor de rendimento nominal médio mensal das pessoas de 10 anos ou mais. Fonte: Mapa da Desigualdade/ Região Metropolitana do Rio de Janeiro, 2022.

Os mapas acima foram escolhidos afim de mostrar como é a distribuição da população negra pelo território da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, assim como é a distribuição da população pela lente econômica. Na figura 2.3, nota-se que há uma concentração de pessoas brancas nas áreas de mais prestígio, como Zona Sul e áreas do Centro da Cidade, enquanto a população negra e parda foi se distribuindo pelo restante do território, ocupando assim áreas distantes das áreas de prestígio.

Em contrapartida, o mapa representado pela figura 2.3

mostra que quanto mais longe das áreas nobres, piores são as rendas dessas pessoas, ou seja, a população que reside em áreas periféricas são mais pobres de acordo com os índices e em sua grande maioria, pessoas negras. Enquanto a maior porcentagem de pessoas brancas residem em áreas que concentram os maiores índices de renda mensal.

Essa realidade fortalece o que sabemos se tratar da Região Metropolitana, uma região heterogênea, com altos índices de desigualdades econômicas, e principalmente, sociais.

Figura 2.4 : Mapa de ocupação territorial e Área de Conservação

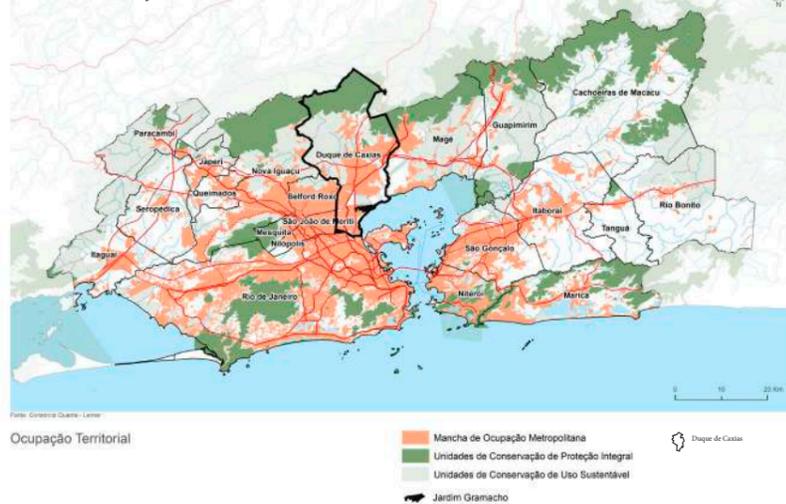


Figura 2.4 - Mapa de Ocupação territorial da Região Metropolitana do Rio de Janeiro
 Fonte: Plataforma Modelar MetrÓpole. Disponível em: <https://www.modelarametropole.com.br/> (Sem data)

Figura 2.5 : Mapa de Qualidade Urbana

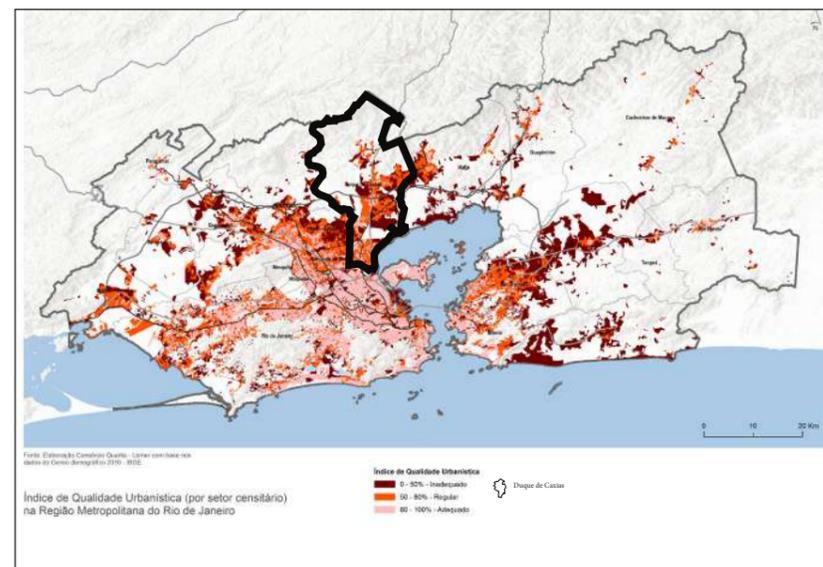


Figura 2.5 - Mapa de Qualidade Urbana por setor censitário. Fonte: Plataforma Modelar MetrÓpole. Disponível em: <https://www.modelarametropole.com.br/> (Sem data)

Figura 2.6 : Mapa de Ocupação Territorial, Conservação e Qualidade Urbana

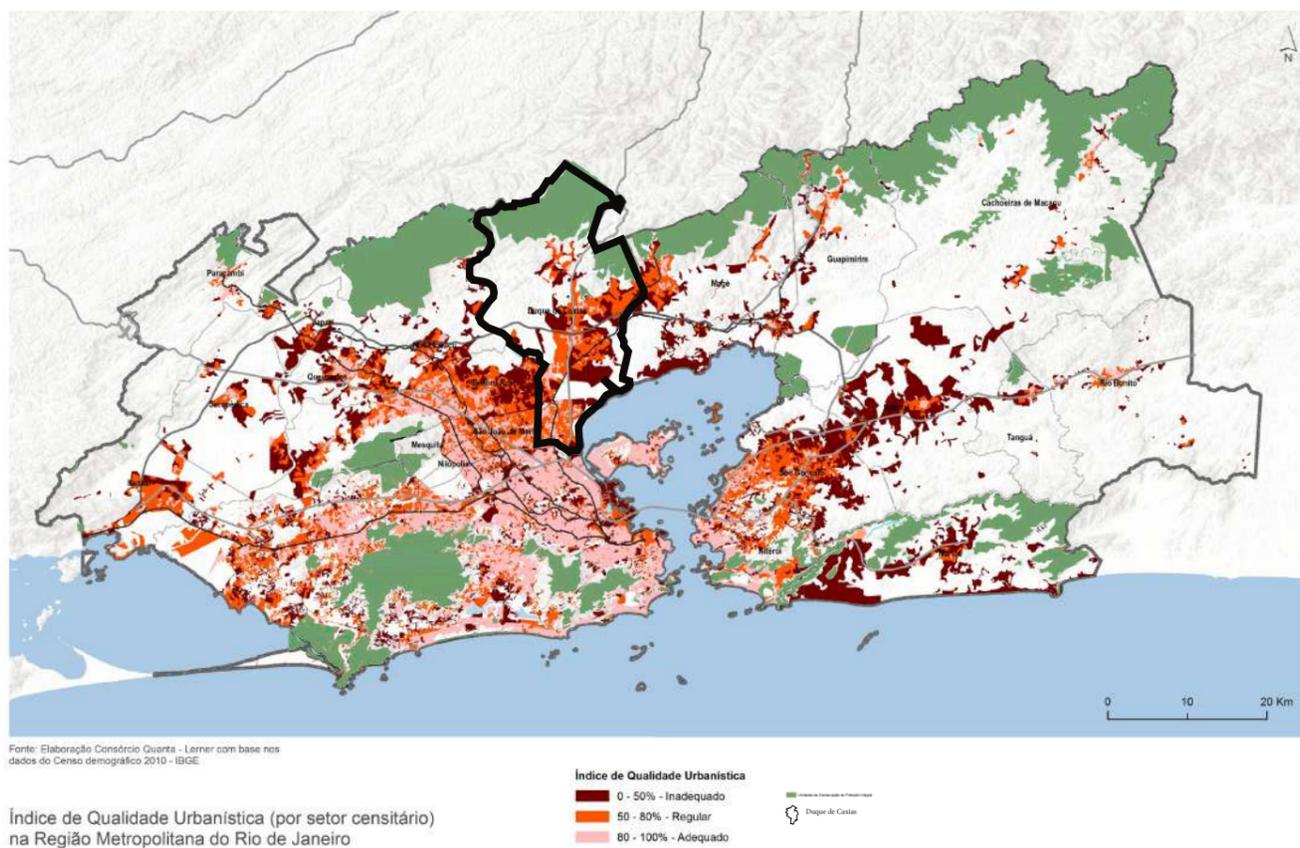


Figura 2.6 - Mapa de Ocupação territorial da Região Metropolitana do Rio de Janeiro e Qualidade Urbana por setor censitário.
 Fonte: Plataforma Modelar MetrÓpole. Elaborado pela autora, 2022.

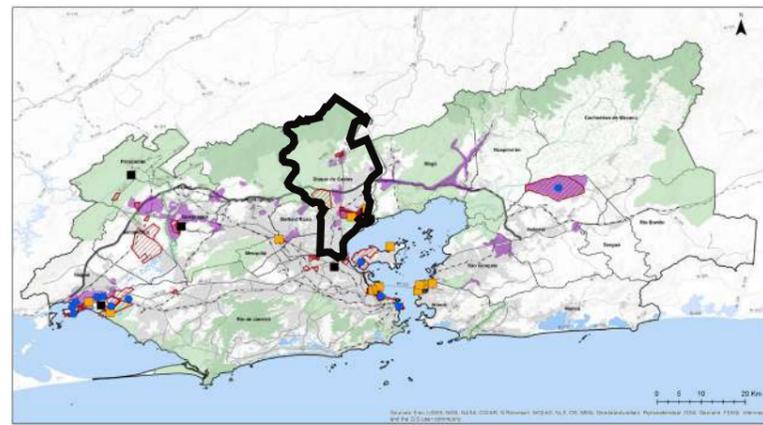
Os mapas 2.4, 2.5 e 2.6 foram produzidos pela Plataforma Modelar MetrÓpole, com pequenas modificações feitas pela autora.

Na figura 2.4, foi analisado a ocupação territorial, mostrando a mancha territorial da Região Metropolitana, as áreas de conservação e de proteção integral, além de áreas de conservação de uso sustentável, já o mapa 2.5, a análise foca no índice de qualidade urbana da Região Metropolitana (através de setor censitário).

Com a importância dessas duas vertentes foi feito um terceiro mapa, o 2.6, afim de fazer uma ligação e conseqüentemente uma comparação entre eles.

Nota-se que o maior índice de qualidade urbana se encontra em áreas de prestígio social e econômico, ao mesmo tempo que a maior parte das zonas de conservação e de proteção integral também estão presentes consideravelmente, nessas áreas. Onde há uma maior concentração territorial há uma desvantagem nos índices de qualidade urbana, ou seja, possuem uma precariedade estrutural maior, conflitos sociais, urbanos e ambientais também, com destaque para algumas zonas críticas, em que as áreas de menor qualidade ambiental se localizam muito próximas das áreas de conservação e de proteção permanente. Observamos, dentre essas zonas, a envoltória da baía de Guanabara e muitas áreas a norte do município de Caxias, alvo desse estudo.

Figura 2.7 : Mapa Indústria e Logística na Região

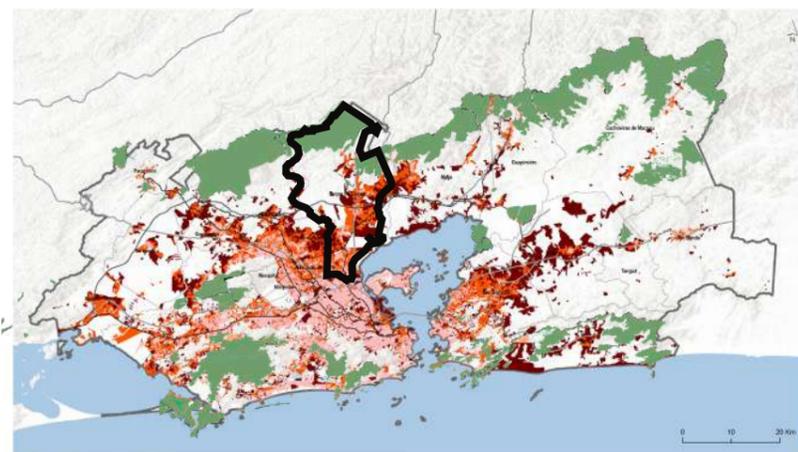


MAPA 13 - INDUSTRIAL E LOGÍSTICA

- Proteção Integral
- Uso Restrito
- Parque
- Área Metropolitana
- Via Estadual
- Via Municipal
- Via Federal
- PELC - Distrito Industrial
- PELC - Empreendimento Aderente
- PELC - Empreendimento Âncora
- Áreas Levantadas no Estudo
- Zona Municipal de Uso Industrial e Logístico
- Diáspora de Casas

Figura 2.7 - Mapa de levantamento Industrial e Logística.
Fonte: Plataforma Modelar Metrôpole. Disponível em: <https://www.modelarametropole.com.br/>. (Sem data)

Figura 2.6 : Mapa de Ocupação Territorial, Conservação e Qualidade Urbana



Índice de Qualidade Urbanística (por setor censitário) na Região Metropolitana do Rio de Janeiro

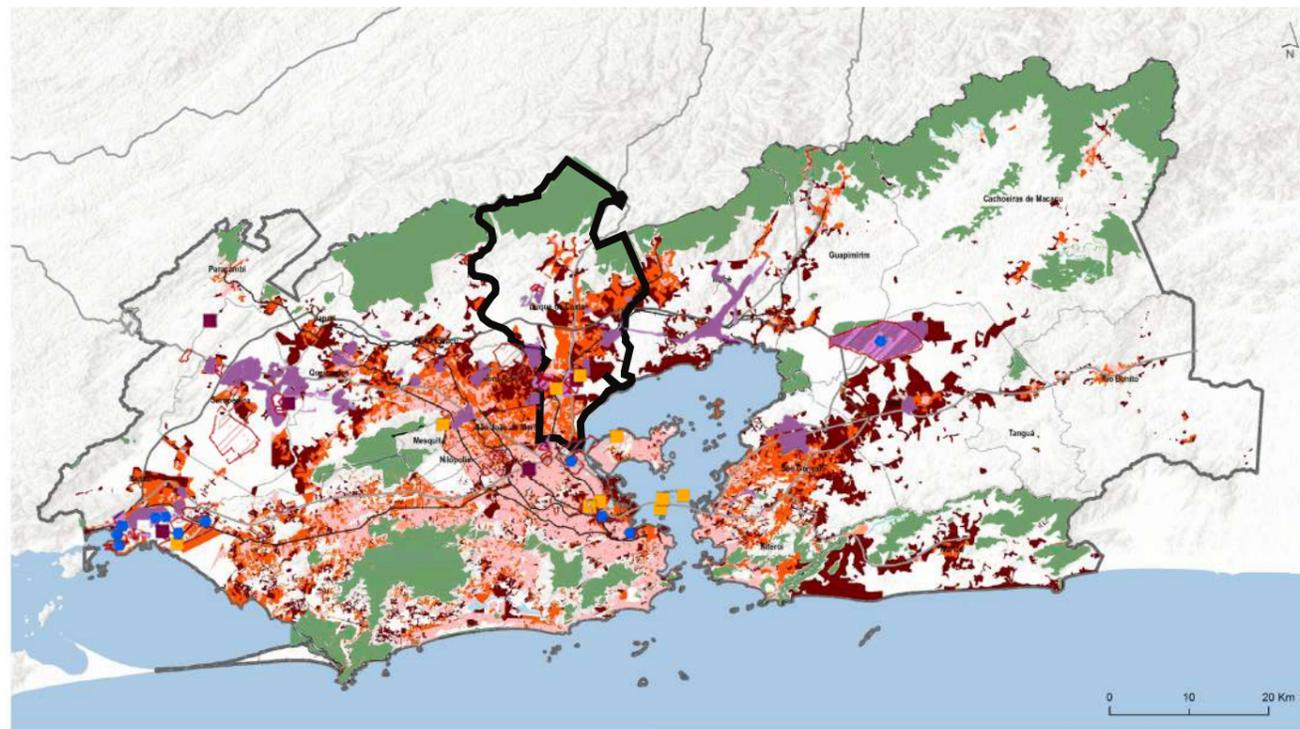
- 0 - 50% - Inadequado
- 50 - 80% - Regular
- 80 - 100% - Adequado
- Diáspora de Casas

Figura 2.6 - Mapa de Ocupação territorial da Região Metropolitana do Rio de Janeiro e Qualidade Urbana por setor censitário.
Fonte: Plataforma Modelar Metrôpole. Editado pela autora, 2022.

Nessas outras comparações, o foco se deu na análise de Indústria e Logística, representado pela figura 2.7. Nela é possível identificar onde são concentrados os empreendimentos industriais dentro dos municípios, além de mostrar vias e ferrovias, assim como as áreas de proteção integral e uso sustentável.

Foi utilizado também o mapa de conservação ambiental e qualidade urbana (figura 2.5) afim de cruzar esses dois fatores que são conflituosos entre si, visto que na realidade as indústrias não levaram tantos benefícios para os territórios que ocupam. A prioridade não é disponibilizar melhorias para o local e sim sugar todos os benefícios que ele dispõe.

Com a conclusão de que as áreas de menor qualidade urbana estão mais próximas desses eixos industriais reforçados pelo planejamento urbano, reforçando-as como áreas de sacrifício, de forma dramática nos casos em que áreas industriais são localizadas próximas de áreas de proteção ambiental (como no caso da envoltória da Baía da Guanabara)



Fonte: Elaboração Consórcio Quarta - Lerner com base nos dados do Censo demográfico 2010 - IBGE.

Índice de Qualidade Urbanística (por setor censitário) na Região Metropolitana do Rio de Janeiro

- 0 - 50% - Inadequado
- 50 - 80% - Regular
- 80 - 100% - Adequado
- PELC - Distrito Industrial
- PELC - Empreendimento Aderente
- PELC - Empreendimento Âncora
- Áreas Levantadas no Estudo
- Zona Municipal de Uso Industrial e Logístico
- Diáspora de Casas

Figura 2.9 - Mapa de levantamento Industrial e Logística e cupação territorial da Região Metropolitana do Rio de Janeiro
Fonte: Plataforma Modelar Metrôpole. Disponível em: <https://www.modelarametropole.com.br/> Elaborado pela autora.

Figura 2.10 : Mapa de registro de enchentes

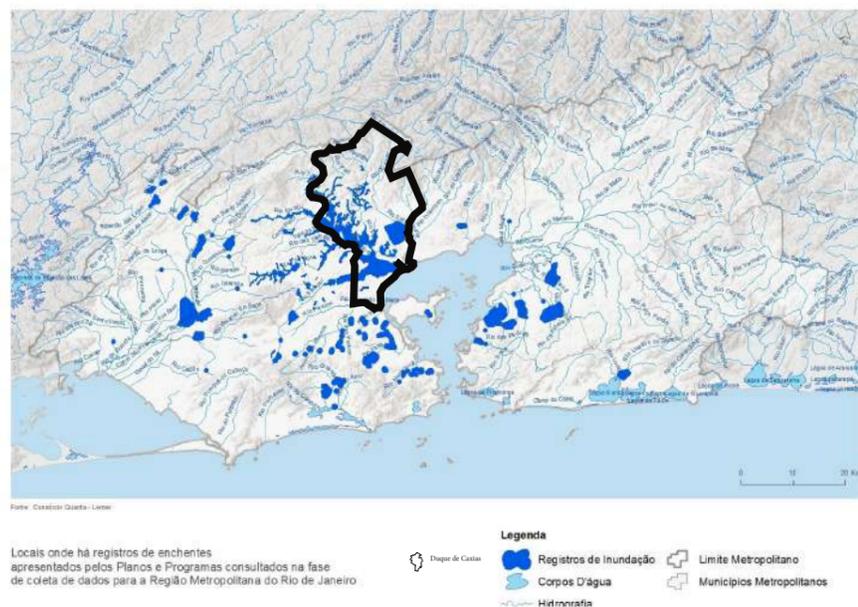


Figura 2.10 - Mapa de registro de enchentes na Região Metropolitana do Rio de Janeiro
 Fonte: Plataforma Modelar Metr pole. Disponível em: <https://www.modelarametropole.com.br/> (Sem data)

Figura 2.11 : Mapa de Abastecimento de água na Região Metropolitana

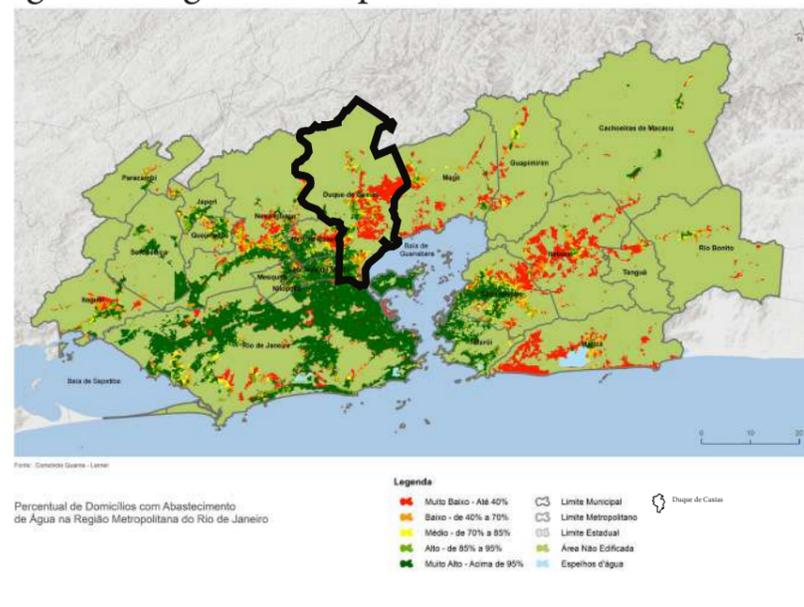


Figura 2.11 - Mapa de percentual de domicílios com abastecimento de água na Região Metropolitana.
 Fonte: Plataforma Modelar Metr pole. Disponível em: <https://www.modelarametropole.com.br/> (Sem data)

Figura 2.1 : Mapa de Abastecimento de esgoto na Região Metropolitana

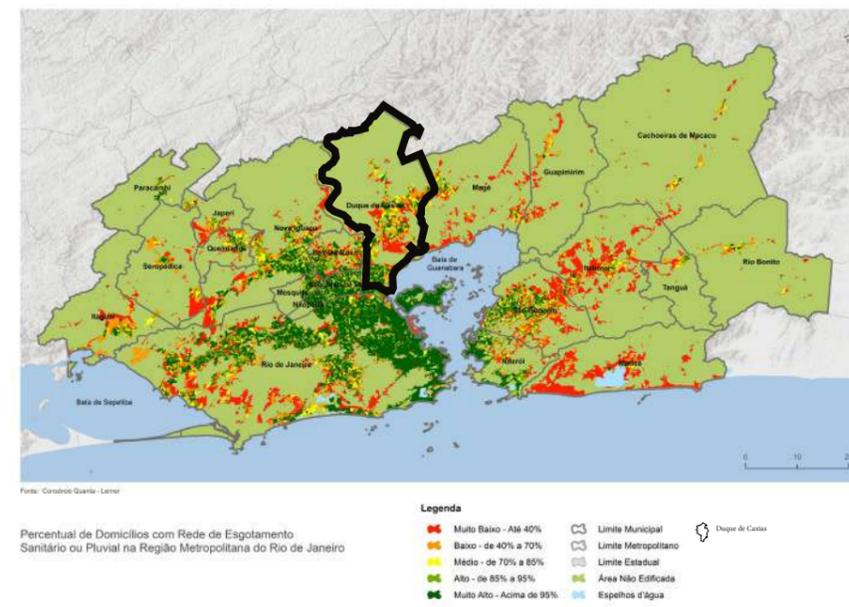


Figura 2 - Mapa percentual de domicílios com redes de esgotamento sanitário ou pluvial na Região Metropolitana
 Fonte: Plataforma Modelar Metr pole. Disponível em: <https://www.modelarametropole.com.br/> (Sem data)

Como anteriormente citado, áreas que tiveram grandes influências industriais possuem uma dificuldade de achar um equilíbrio entre prós e contra, pois via de regra, como consequências da implanta o dessas áreas, são problemas de estrutura urbana, falta de qualidade urbana. A Região Metropolitana não escapou dessas negativas. Nas figuras 2.10 , 2.11 e 2.12,   possível ver onde estão concentrados os maiores índices de problemas urbanos como os índices de enchentes, concentrados em zonas mais precárias como municípios da Baixada Fluminense, que coincidem com as áreas de maior concentra o de popula o parda e negra (mapa 2.2), de menor renda (mapa 2.3), de pior qualidade urbana (2.5) e de estímulo   implanta o do uso industrial (figura 2.7).

Além dos índices de enchentes, que são not rios em Duque de Caxias, pois é um dos municípios que mais apresenta esse problema,   possível ter uma percep o de outros índices impor

tantes: o de análise de distribui o de esgoto e o de distribui o de  gua.

Nas figuras (mapas 2.11 e 2.12)   possível ver onde estão concentrados os melhores índices: quanto mais próximo da região central, da Zona Sul melhores são os números, maiores são os benefícios e quanto mais distante mais precariedade presente.

Quando olhamos o conjunto de mapas e o cruzamos com a figura 1, percebemos que a precariedade e falta de qualidade urbana (figura 2.5), a ausência de infraestrutura (figura 2.5), a incidência de enchentes(figura 2.10) e a maior concentra o de atividades poluidoras como os usos industriais (figura 2.7) se encontram majoritariamente nas áreas com maior incidência de popula o autodeclarada negra e parda, confirmando a afirma o de que a Metr pole do Rio de Janeiro se estruturou e se explica através da no o de racismo ambiental.

DUQUE DE CAXIAS E GRAMACHO



Fonte: Portal Ambiente Legal. Disponível em: <https://www.ambientelegal.com.br/experientes-depoimentos-tiao-santos/> (2018)

3

3.1 Baixada Fluminense e Duque de Caxias

Figura 3.1 : Mapa de localização de Duque de Caxias em relação à Região Metropolitana do Rio de Janeiro

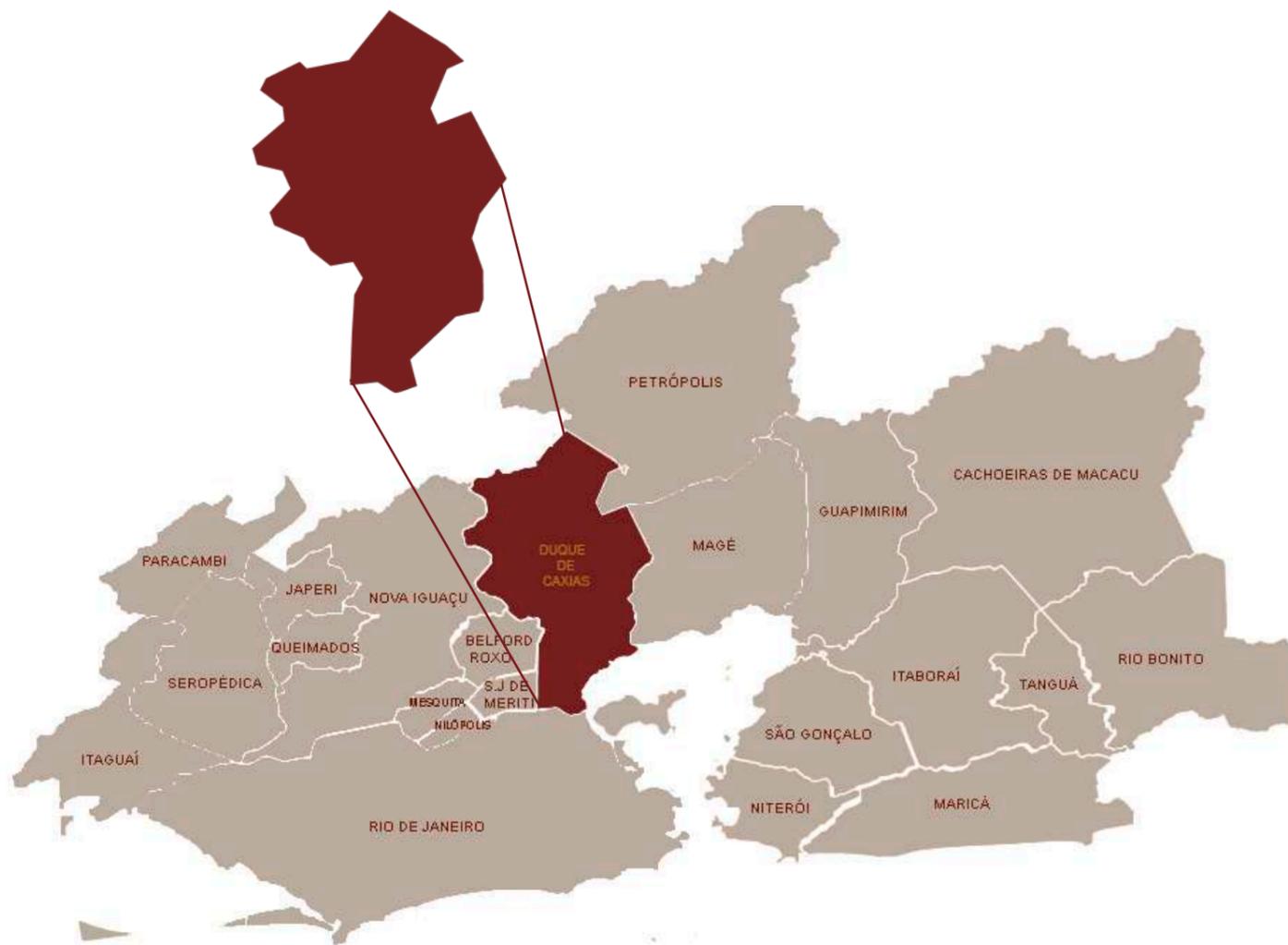


Figura 3.1 - Mapa da Região Metropolitana do Rio de Janeiro com destaque à Duque de Caxias.

Fonte: SOS GIS BRASIL com alterações da Autora. Elaborado por: Leticia Narciso

A Baixada Fluminense é um território que foi extremamente importante no contexto histórico da metrópole do Rio de Janeiro e conseqüentemente da Região Metropolitana, com isso foi sofrendo diversas mudanças econômicas, sociais e espaciais no decorrer da sua história, podendo ser considerada um território de periferia dinâmica em transformação (Vescina, 2017, pág 132).

Geograficamente, podemos entender a Baixada –planície entre montanhas- como o território plano que se estende entre “a muralha abrupta de centenas de metros de altitude da serra do Mar e o oceano”, abraçando desde a baía da Ilha Grande até o Campo de Goitacazes, perto do limite com o Espírito Santo, incluindo, portanto, um extensíssimo território e uma enorme variedade de situações fisiográficas. (Vescina, 2017, pág 133)

Além disso, trata-se de um território que possui um amplo sistema de rios, fator determinante para a configuração da paisagem atual e por consolidar a identidade do local, possui duas bacias: a leste que deságua na Baía de Guanabara, dando destaque para os rios Inhomirim- Estrela e Iguaçu- Sarapuú; e a bacia a oeste que deságua na Baía de Sepetiba, tendo o Rio Guandú como o seu principal destaque. Outro fator importante que ajudou a estruturar o território da Baixada Fluminense, além dos rios, foram as linhas ferroviárias e as rodoviárias.

A Baixada foi o vínculo com a capital e os diversos pontos de produção através desses caminhos (ferrovias e vias)que foram criados com esse intuito. Conseqüentemente à esse fato, foram-se abrigoando uma quantidade significativa de povoados, dando início assim a ocupação do território, que começa abrigar pessoas que já não possuíam condições nem espaço de morar perto da capital, principalmente depois das mudanças físicas ocorridas na cidade, como por exemplo a Era Passos.

Já politicamente, a baixada pode ser vista como território da Periferia Metropolitana do Rio de Janeiro, tendo Nova Iguaçu e Duque de Caxias como os dois núcleos principais, além de ser um território com grande complexidade, sendo Duque de Caxias o município de destaque nesse estudo.

Duque de Caxias pode ser considerado o mais rico entre os municípios da baixada, é o décimo quinto maior produto interno bruto do país e ocupa o segundo lugar no ranking de arrecadações de ICMS do Estado, estando atrás apenas da capital, com o valor de 23,4 bilhões, mostrando assim seu peso para o Estado.

Seu crescimento econômico tem como base o refino de petróleo, graças à presença da REDUC, uma das maiores refinarias da Petrobrás; a indústria, visto que o município possui o maior parque industrial do Estado, abrigando empresas como: Shell, Ipiranga, Sadia, Ciferal, White Martins, Texaco, entre outras, e o comércio. E mesmo possuindo sucesso econômico, o município possui contradições entre economia e desenvolvimento social, visto que na realidade trata-se de um território marcado por suas carências, devido a falta de investimentos e infraestrutura.

Figura 3.2 : Percentual de Renda Per Capita por Domicílio

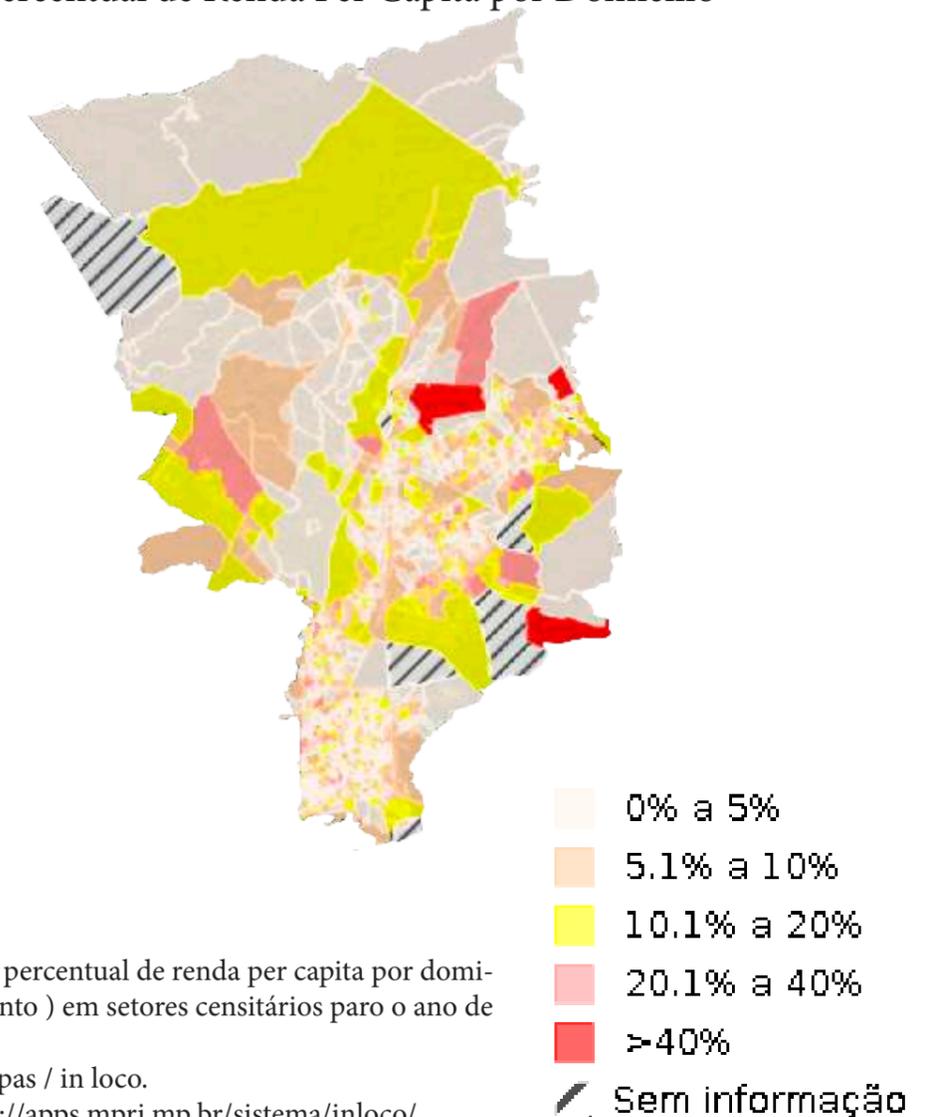


Figura 3.2- Mapa de percentual de renda per capita por domicílios (sem rendimento) em setores censitários para o ano de 2010.

Fonte: MPRJ em mapas / in loco.

Disponível em: <http://apps.mprj.mp.br/sistema/inloco/>
(Sem data)

A figura 3.2 mostra o percentual de renda per capita por domicílio, no ano de 2010. é possível identificar que o município possui fragilidades e pobreza em seu território. Uma contradição quando se trata do município de mais destaque em economia da Baixada Fluminense.

Figura 3.3 : Gráfico do PIB no Estado x a Baixada Fluminense



Figura 3.3- Gráfico referente ao PIB a preços correntes do Estado do Rio de Janeiro e da Baixada Fluminense

Fonte: Observatório do trabalho. Disponível em: <http://www.rj.gov.br/Uploads/2020>.

Figura 3.4 : Gráfico do PIB nos Municípios da Baixada Fluminense

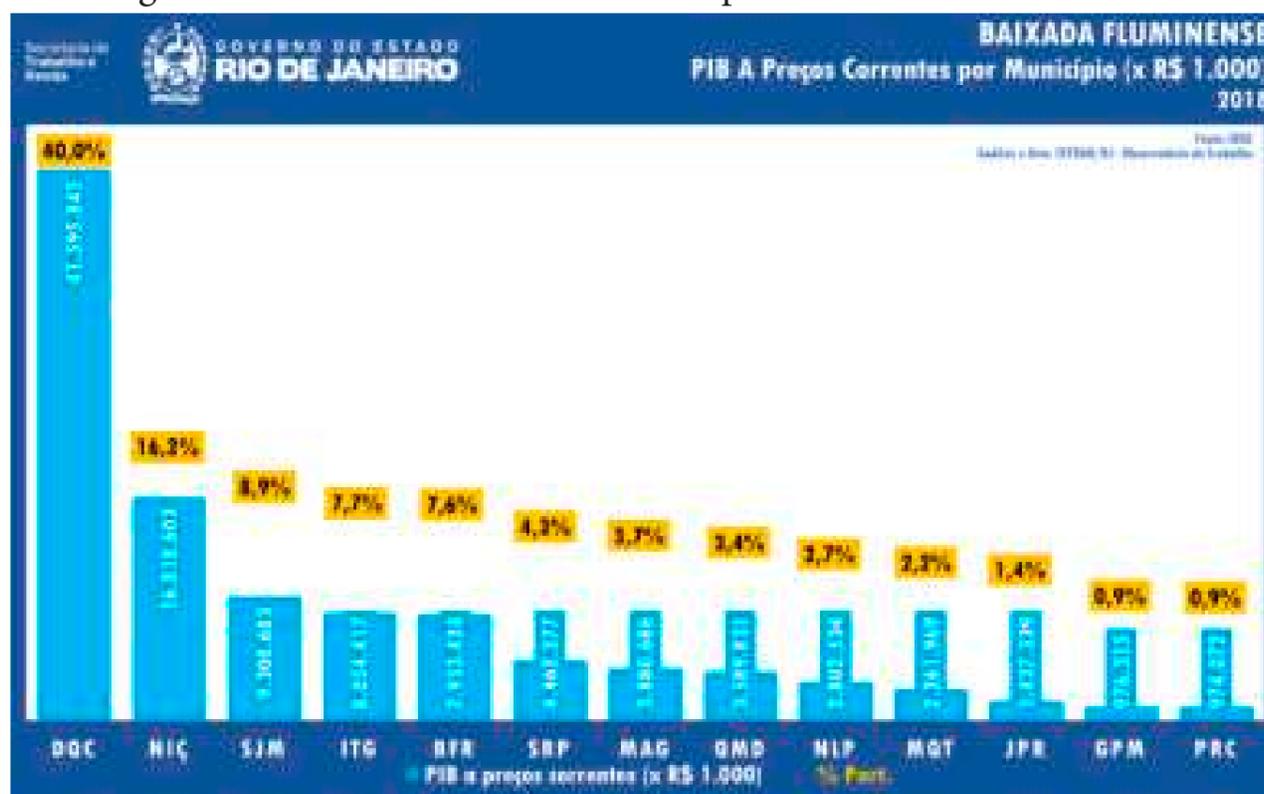


Figura 3.4- Gráfico referente ao PIB a preços correntes dos municípios da Baixada Fluminense.

Fonte: Observatório do trabalho. Disponível em: <http://www.rj.gov.br/Uploads/2020>.

Os gráficos ao lado, disponibilizados pela Prefeitura do Rio de Janeiro, são capazes de mostrar a notoriedade que a Baixada Fluminense possui em relação ao Estado do Rio de Janeiro, olhando pela ótica econômica, visto que possui altos índices de PIB, é o que apresenta a figura 3.3, altos índices da Baixada em relação aos índices do Estado.

Já a figura 3.4 mostra o protagonismo de Duque de Caxias, sendo o maior PIB dentre os municípios que compoem a Baixada Fluminense, assim como Nova Iguaçu. Ambos municípios possuem sua própria centralidade, com relações socioeconômicas e políticas entre conflitos de grupos dominantes e grupos dominados.

O setor de serviços, as indústrias e a agropecuária, são os responsáveis pela maior parte da economia de Duque de Caxias. Além de outros setores que estão se expandindo, como é o caso de logística, transporte, centros de distribuição, entre outros.

O território é dividido em 4 Distritos: Xerém, Imbariê e Campos Elíseos e Duque de Caxias. Sendo esse último considerado o mais importante, pois é onde se encontrará a área central, com o principal polo comercial, o maior quantitativo de indústrias, ou seja, a estrutura sócio-espacial do território, mas é importante ressaltar que há outros importantes fatores nos outros distritos, o maior exemplo é a Reduc, refinaria da Petrobras que fica localizada no Distrito de Campos Elíseos. Além do Distrito de Xerém, que possui uma importância ambiental (onde localiza-se as maiores áreas de proteção ambiental)e educacional, científica abrigando polos de importantes universidades.

Para fortalecer o entendimento do território de Duque de Caxias, não podemos deixar de citar a magnitude que a Avenida Washington Luiz desempenha para o município, sendo umas das principais e mais importantes do Estado do Rio de Janeiro. É no seu trajeto que se encontram as indústrias, fábricas, polo comercial de roupas, editora de jornal e shopping center.

Em relação a sua população, Duque de Caxias é o considerado o terceiro município mais populoso do Estado, segundo dados obtidos no IBGE, com a população de 855.048 habitantes no último censo de 2010, tendo uma população estimada para 2021 de 929.449 habitantes.

Segundo dados raciais da população residente de Duque de Caxias, há uma predominância de pessoas negras, equivalente a 57,7% da população, enquanto 41% se declaram brancos.

3.2 Globalização e Periferia: O Bairro Gramacho

Vivemos em um mundo do capitalismo, onde consumir, possuir luxos é a prioridade, contribuindo para uma solidificação da economia, ou seja, tudo girando em torno do dinheiro e do lucro, ou seja uma globalização que é econômica, mas onde há concentração de capital há inclusão e exclusão, um presente para as desigualdades se instalarem.

Essa glamourização pelo lucro é perversa, pois ajuda a fortalecer todo tipo de desigualdade existente numa sociedade. Empresas lucram, alimentam sua classe dominante, enquanto pobres são explorados por esse sistema, ficando apenas com carências, como recompensa.

Saber que um bairro, de uma área privilegiada, possui uma extensão territorial do tamanho de um empreendimento que fica na direção oposta, em uma área pobre, ajuda a entender como funciona o esquema do capital. Um território sofre todas as demandas negativas que uma indústria pode oferecer em detrimento de outro, visto que quem lucra não mora na Baixada Fluminense.

A Mesma lógica é utilizada para escolher as localidades que receberão os resíduos sólidos, quanto mais longe de áreas privilegiadas, nobres, melhor. Quanto mais longe da parcela da população que é rica e branca, melhor, não é diferente na realidade do Rio de Janeiro, um exemplo perfeito que representa essa disparidade é a comparação entre as escalas da REDUC - refinaria pertencente à Petrobrás e localizada no bairro de Gramacho em Duque de Caxias - e o bairro de Botafogo, na Zona Sul do Rio de Janeiro.

Ambas localidades possuem dimensões parecidas, ou seja, a maior empresa de petróleo do país, possui uma refinaria com um tamanho capaz de comportar um bairro inteiro localizado em uma área periférica da região Metropolitana e próxima à área de proteção ambiental. Um município do subúrbio, que já se caracteriza por ser um território de

precariedades, é escolhido para receber uma empresa desse suporte, corroborando com a exploração.

Difícilmente uma área da Zona Sul receberá um empreendimento desse porte, porque não é de interesse do poder público levar algo que seja danoso, para os olhos, para a saúde e para seus privilégios.



Figura 3.5 Mapa da REDUC
Fonte: Google Earth
(2022)

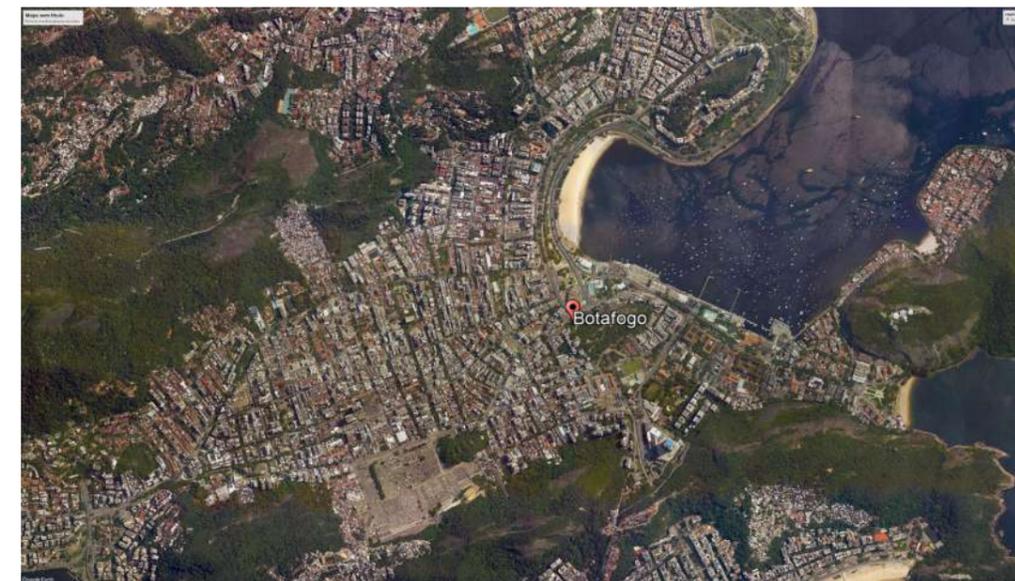


Figura 3.6 Mapa bairro de Botafogo
Fonte: Google Earth
(2022)

3.3 Gramacho

Jardim Gramacho é um sub-bairro do bairro Gramacho do Município de Duque de Caxias, fica localizado no 1º Distrito, e se situa à 9,7km do centro da cidade de Duque de Caxias e à 25 km da área central do Rio de Janeiro. É um recorte que destoa do restante do território, pois apresenta grandes proporções de miséria. O território é composto por aproximadamente 40.000 habitantes, de acordo com o IBGE.

É importante se atentar, primeiramente, em como se estrutura o entorno do bairro de Gramacho, pois é um território repleto de contradições que geram desigualdades. Na figura 3.7 foram destacados 3 fatores que circundam esse território e ajudam a relatar as incoerências, as irresponsabilidade e falta de uma atenção do poder público .

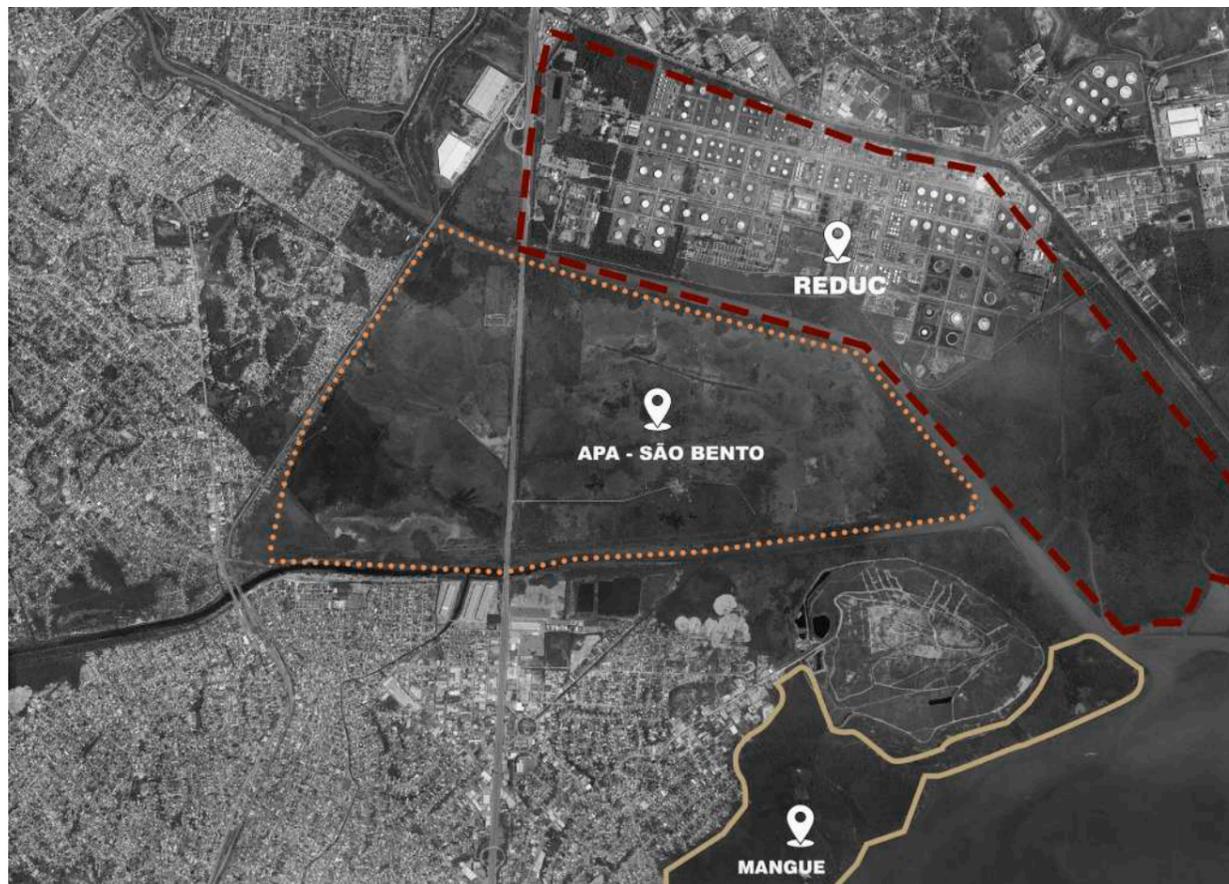


Figura 3.7 - Mapa de Gramacho e seu entorno
Fonte: Google Earth/ Editado pela autora.
(2022)

O primeiro é a presença da Refinaria de Duque de Caxias, a REDUC, refinaria que pertence à Petrobras, uma das maiores empresas do Brasil. Nela funciona polo gás químico, além de usina termelétrica. Por mais que desempenha o maior papel para o sucesso econômico do Município de Caxias, é difícil não levar em consideração a incoerência que esse Município apresenta, visto que um dos bairros mais pobres, com mais necessidades de infraestrutura está ao lado de um polo de uma das maiores empresas do país, sem receber nenhum tipo de troca por abriga-lá, ou seja, lucro e a arrecadação não se rebate em melhora das condições de vida e de habitabilidade da população, majoritariamente autodeclarada negra e parda, nem à proteção do meio ambiente.



Figura 3.8 - Refinaria REDUC
Fonte: Andrade Gutierrez. Disponível em: <https://www.andradegutierrez.com.br/Projetos/Reduc.aspx>
(Sem data)



Figura 3.9 - Refinaria REDUC
Fonte: Click Macaé. Disponível em: <https://clickmacae.com.br/noticias/17431/falha-na-manutencao-levou-a-incendio-na-reduc-diz-sindicato>
(2020)

Os outros dois pontos são voltados para os problemas ambientais presentes na área, onde uma outra contradição aparece: a presença do APA, Área de Proteção Ambiental de São Bento. O APA, surgiu no ano de 1997, possui uma planície alagável, atravessa área de mangue, além de absorver enchentes dos rios Sarapuí e Iguaçú.

A localização do lixão em 1978 não considerou que a área é ambientalmente sensível e sua posterior proteção em 1997 agravou os conflitos ambientais que pressionaram pelo fechamento do aterro. Entretanto a ausência de infraestrutura, a má qualidade e ausência dos equipamentos e serviços urbanos não foram resolvidas. A retirada da atividade econômica relacionada aos resíduos sólidos acabou exacerbando conflitos sociais e ambientais, corroborando para a afirmação territorial do racismo ambiental.

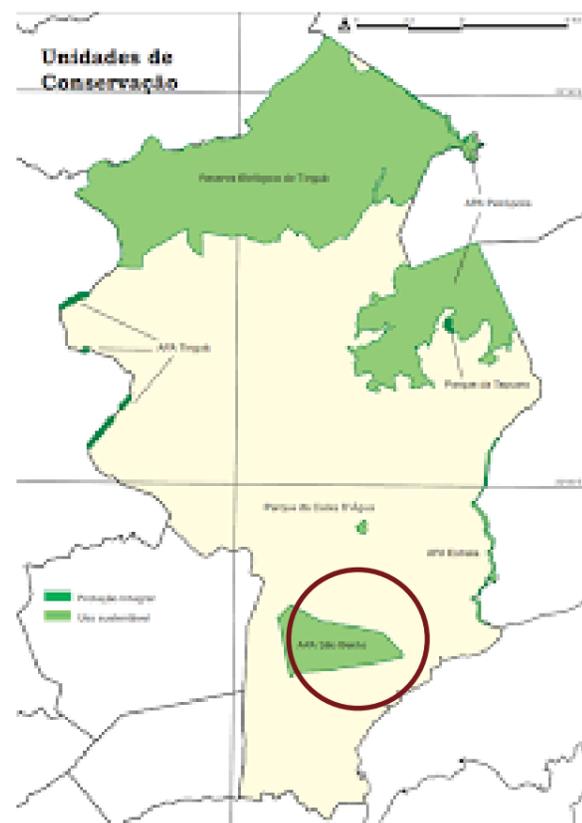


Figura 3.10 - APA - Área de Proteção Ambiental
 Fonte: Governo do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.rj.gov.br/consultapublica/documentos/Grupo_Referenciais_Planejamento_Area_Metropolitana/Apendice_3_D_de_Caxias.pdf
 (Sem data)

Além disso é um território que possui uma ocupação desordenada do solo, com grande degradação de áreas de manguezais que estão ali entre o sub bairro e a Baía de Guanabara, além da poluição dos rios. A área ocupada pelo aterro sanitário era uma antiga área de manguezal que foi aterrada para recebê-lo.

Outro agravante que mostra a total desvalorização que aquela área sofreu e sofre até os dias de hoje, graças às escolhas de quem possui o capital nas mãos.



Figura 3.11 - Despejo de Chorume
 Fonte: Meio Hora. Disponível em: <https://www.meiohora.com.br/geral/2019/03/5629263-ong-conta-que-baia-de-guanabara-recebe-cerca-de-1-bilhao-de-litros-de-chorume-por-ano.html#foto=1>
 (2019)



Figura 3.12- Poluição em área de mangue, Baía de Guanabara
 Fonte: Cultura Mix. Disponível em: <https://meioambiente.culturamix.com/recursos-naturais/a-poluicao-na-baia-da-guanabara-caracteristicas-gerais>
 (2013)



Figura 3.13 - Mapa de relação entre Rodovia Washington Luiz e indústrias.
Fonte: Google Earth/ Editado pela autora.
(2022)

Como já foi levantado anteriormente, Duque de Caxias possui uma grande relevância econômica para o Estado mas também possui uma desigualdade social dentro do seu próprio município. A Avenida Washington Luís é o maior exemplo disso, pois é uma avenida que contém em sua extensão indústrias importantes como: Shell, Ipiranga, Sadia, Ciferal, White Martins, Texaco, sendo considerada um dos maiores polos industriais do Rio de Janeiro. Esse sucesso esconde, como uma grande cortina, diversas precariedades e vulnerabilidade, isso fica explícito quando falamos de Jardim Gramacho, que se localiza às margens da Avenida, atrás dos diversos galpões de indústrias e é um local com carências, altos índices de pobreza.

Quem passa pela Washington Luiz não imagina o que está por trás da bela, potente e provedora de lucros Avenida. É uma fachada perfeita para mascarar um território repleto de escassezes, principalmente se tratando da falta de interesse do poder público em agir naquele lugar.

A seguir, detalharemos o sub-bairro, Jardim Gramacho, local de instalação do Aterro Sanitário Metropolitano do Rio de Janeiro.



Figura 3.14- Terminal de Cargas
Fonte: Gb Armazéns. Disponível em: <https://gbarmazens.com.br/washington-i/>
(2022)



Figura 3.15- Galpão Logístico
Fonte: Catena & Castro. Disponível em: <https://ccre.com.br/properties/aluguel-galp%C3%A3o-washington-luiz-rio-de-janeiro>
(Sem data)



Figura 3.16- Terminal de Cargas
Fonte: Gb Armazéns. Disponível em: <https://gbarmazens.com.br/washington-i/>
(2022)

JARDIM GRAMACHO



4

Fonte: Flickr/ Thiago Lontra. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/thiagolontra/4933824242/>
(2010)

4.1 Jardim Gramacho



Jardim Gramacho é um sub-bairro do bairro Gramacho do Município de Duque de Caxias, fica localizado no 1º Distrito, e se situa à 9,7km do centro da cidade de Duque de Caxias e à 25km da área central do Rio de Janeiro. É um recorte que destoa do restante do território, pois apresenta grandes proporções de miséria. O território é composto por aproximadamente 40.000 habitantes, de acordo com o IBGE.

A história do bairro está muito atrelada à implantação do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, que foi introduzido naquele território no ano de 1978. Logo, Jardim Gramacho se tornou um território, onde o maior protagonista é o lixo, esse fato somado a todos os problemas de falta de ação do poder público, fez com que o território apresentasse diversas desigualdades entre si.

Jardim Gramacho apresenta diversas localidades, que não são conceituadas como sub-bairros por não serem oficializadas na Prefeitura. São elas : Cohab, Morro do Cruzeiro, Morro da Placa, o Triângulo. Esses locais possuem uma infraestrutura urbana mais adequada, porém o território também possui localidades com enormes precariedades.

A desigualdade aparece em situações como: quanto mais próximo ao Aterro Sanitário mais precário é o lugar. Essas precariedades aparecem na falta de água, na falta de saneamento básico, nas habitações que não são de alvenaria, entre outros.

Na figura ao lado, foram escolhidas 3 lentes de análise para mostrar essa diferença. No local mais próximo ao Aterro, conhecido como Parque Planetário, já é possível ver casas de madeiras em meio vegetação, enquanto nas outras áreas é possível observar a presença

de casas de alvenaria, ruas asphaltadas, uma estrutura urbana com uma qualidade melhor.

Essa diferença só é perceptível conforme vai adentrando o bairro e consequentemente o sub bairro de Jardim Gramacho. Nota-se que há uma diferenciação não só em estrutura urbana mas como tratamento entre a população. Nas figuras 4.3, 4.4 e 4.5 podemos notar as diferenças existentes dentro de um mesmo bairro.



Figura 4.2- Ruas estruturadas de Jardim Gramacho
Fonte: Street View- Google Earth (2022)



Figura 4.3- Ruas estruturadas de Jardim Gramacho
Fonte: Street View- Google Earth (2022)

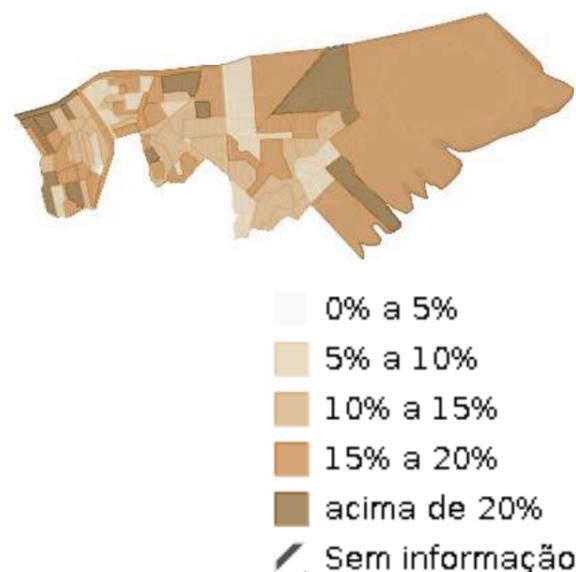


Figura 4.4- Moradias precárias, de madeira em Jardim Gramacho
Fonte: Street View- Google Earth (2022)



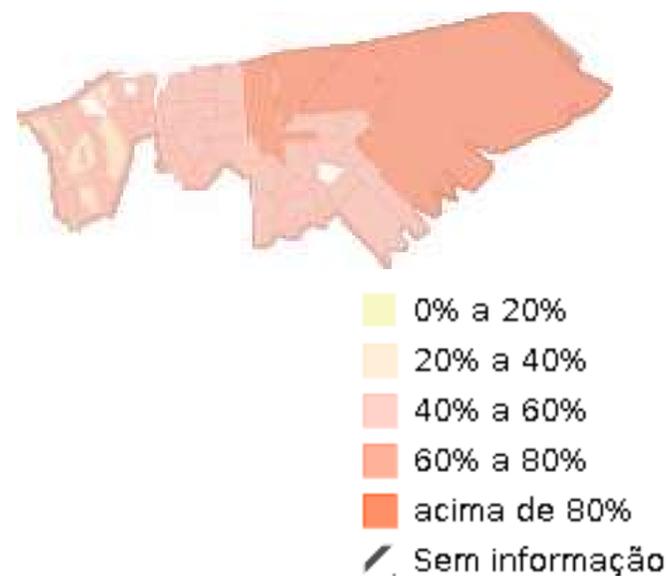
Figura 4.5- Moradias de alvenaria
Fonte: Street View- Google Earth (2022)

Figura 4.6- Percentual de pessoas autodeclaradas negras.



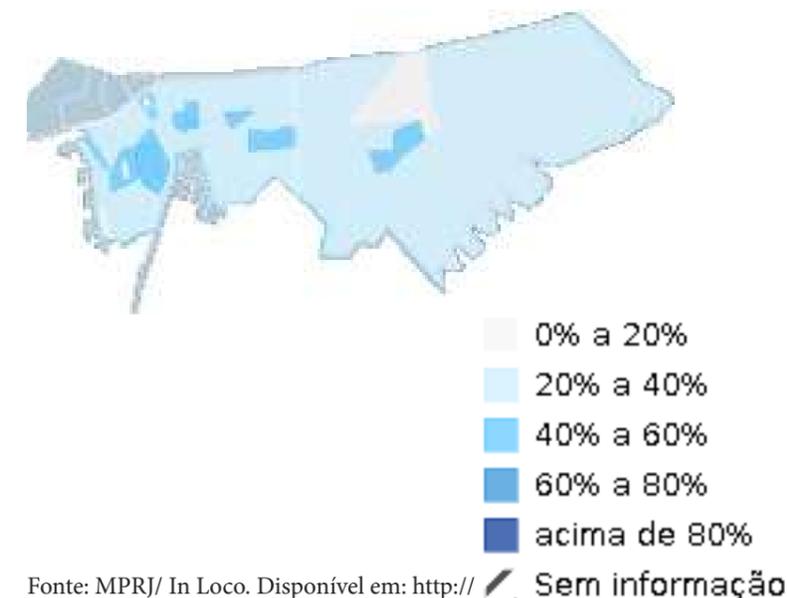
Fonte: MPRJ/ In Loco. Disponível em: <http://apps.mprj.mp.br/sistema/inloco/>
(Sem data)

Figura 4.7- Percentual de pessoas autodeclaradas pardas.



Fonte: MPRJ/ In Loco. Disponível em: <http://apps.mprj.mp.br/sistema/inloco/>
(Sem data)

Figura 4.8- Percentual de pessoas autodeclaradas brancas.



Fonte: MPRJ/ In Loco. Disponível em: <http://apps.mprj.mp.br/sistema/inloco/>
(Sem data)

A análise espacializada dos dados secundários do CENSO e o mapeamento da infraestrutura e dos serviços urbanos nos ajuda a entender a formação do JD Gramacho e as relações entre raça, classe e (in) justiça ambiental que o este território apresenta hoje.

Nos mapas acima é possível ver como se dá o percentual da população de Jardim Gramacho, com o parâmetro entre autodeclarados pretos, pardos e brancos. De acordo com o último mapa é possível notar que as regiões mais próximas ao antigo aterro, consequentemente as áreas mais vulneráveis, são as que possuem o menor percentual de pessoas brancas, em contrapartida o primeiro e o segundo confirmam que a população que reside naquele território do entorno do aterro trata-se de pessoas negras e pardas.

Já na imagem a seguir o mapa foi utilizado na intenção de identificar os principais pontos que ajudam a estruturar a área de estudo, Jardim Gramacho. A Rodovia Whashington Luis, que é a porta de entrada para o bairro, as comunidades que rodeiam o antigo aterro, que são as áreas mais precárias do local, a área de manguezal, entre outros. Isso significa que o elemento étnico-racial é um fator estruturante na dinâmica territorial.

4.2 O Aterro Metropolitano do Rio de Janeiro



Figura 4.9- Mapa Aterro
Fonte: Instituto Rio Metr pole.
Disponível em: <http://www.irm.rj.gov.br/arquivos>
(2010)

Histórico
Aterro de
Jardim
Gramacho

1978

Fundac o do Aterro, através de um convênio entre FUDREM E COMLURB.
Funcionava como lixão, pois não teve a estrutura adequada.

1996

Ano em que o lixão passou por mudanças e passou a funcionar como aterro controlado ou remediado.

1998

Primeiras predi es de fechamento



Figura 4.10- Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho
Fonte: Diário do Rio. Disponível em: <https://diariodorio.com/jardim-gramacho-a-bangladesh-que-se-esconde-no-rio-de-janeiro/> (2019)



Figura 4.11- Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho
Fonte: Diário do Rio. Disponível em: <https://diariodorio.com/jardim-gramacho-a-bangladesh-que-se-esconde-no-rio-de-janeiro/> (2019)

2004

• Nesse ano a área já era considerada instável, principalmente pelo quantitativo de lixo recebido e pela infraestrutura do Aterro que não era excelente.

2007

• Ano em que há uma saturação do resíduo sólido. Foi nesse ano que ocorreu a interdição de 70% do Aterro, pela Comlurb, por causa de problemas estruturais, como: rachaduras. Nesse ano também que foi fundada a Associação de catadores.

2012

• Ano de fechamento do Aterro Sanitário de Jardim Gramacho.

O aterro sanitário possui uma área de aproximadamente 1,3 milhões de m² em área de manguezal que foi aterrada para recebê-lo. Sua abertura foi no ano de 1978 através de um acordo entre COMLURB (Companhia Municipal de Limpezas Urbanas) e FUDREM (Fundação para Desenvolvimento da Região Metropolitana) graças a pressão política de ter um local para receber os dejetos da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

Com isso, todos os cuidados em se criar um aterro não foram tomados, logo se tornou um grande lixão à céu aberto, responsável por receber resíduos sólidos de diversos municípios, como : Rio de Janeiro, Duque de Caxias, São João de Meriti, Nova Iguaçu, Petrópolis, Teresópolis, Queimados e Mesquita. No ano de 1996 deixou de ser um lixão e passou a ser um Aterro Sanitário controlado, estima-se que nos últimos anos, Jardim Gramacho tenha recebido mais de 75% do lixo produzido na Região Metropolitana do Rio de Janeiro. (SANTOS, P. F.O., 2014, p.96 apud PEREIRA, T.C.G, 2017)

Esse valor era aproximadamente 8 mil toneladas de lixo por dia, sem nenhum tratamento, ressaltando que até o ano de 1995, o aterro recebia não só resíduos sólidos urbano, mas sim resíduos químicos, hospitalares e industriais, de cerca de 200 fábricas que compõem o polo industrial da Baixada Fluminense. (PEREIRA, 2017) Só após esse ano ele se tornou um aterro controlado que recebia apenas resíduos sólidos e da construção civil.

A área onde localizava-se o aterro era um terreno de mangue com solo argiloso e muito instável e ficou em funcionamento por longos 34 anos, tendo suas atividades encerradas no ano de 2012. Estima-se que foram 60 milhões de toneladas de resíduos acumulados durante esses anos de funcionamento.

Seu fechamento se deu pelo excesso de resíduos e pelo registro de escorregamento dos maciços de lixo, fora as rachaduras do solo, além de não atender à legislação ambiental - Lei 12.305/2010 denominada Política Nacional de Resíduos Sólidos (PNRS), norma regulamentadora principal da questão, que estabelece conceitos, princípios, formas de planejamento, atuação, gestão, tecnologias e obrigações para o poder público, o setor produtivo e a própria sociedade, entendendo haver uma responsabilidade compartilhada tanto pelo ciclo de vida dos produtos (art.6º, VII) quanto pela não geração, redução, reutilização, reciclagem, tratamento e disposição final ambientalmente adequada (art.9º).

Sendo importante ressaltar tudo o que está representado na lei foi pouco efetivado, ou seja, a população que sempre sofreu com as consequências da exploração que o território passou, continuou tendo sua vida influenciada, negativamente, por nunca ter recebido a infraestrutura urbana necessária, além de não terem recebido a estrutura necessária para receber um aterro sanitário de imenso porte. A Lei 12.305/2010 possui alguns princípios que não foram respeitados em Jardim Gramacho, são eles:

- Art. 6o I - a prevenção e a precaução;
- III - a visão sistêmica, na gestão dos resíduos sólidos, que considere as variáveis ambiental, social, cultural, econômica, tecnológica e de saúde pública;
- VII - a responsabilidade compartilhada pelo ciclo de vida dos produtos;
- IX - o respeito às diversidades locais e regionais;
- X - o direito da sociedade à informação e ao controle social;

O território do lixo, como ficou conhecido, viu suas ruas sendo tomadas em mercê do funcionamento do Aterro, visto que veículos de grande porte passavam pelas ruas do bairro para chegar ao destino final, carregando as toneladas de resíduos. Abaixo podemos ver todos os municípios que despejavam seus lixos no Aterro.

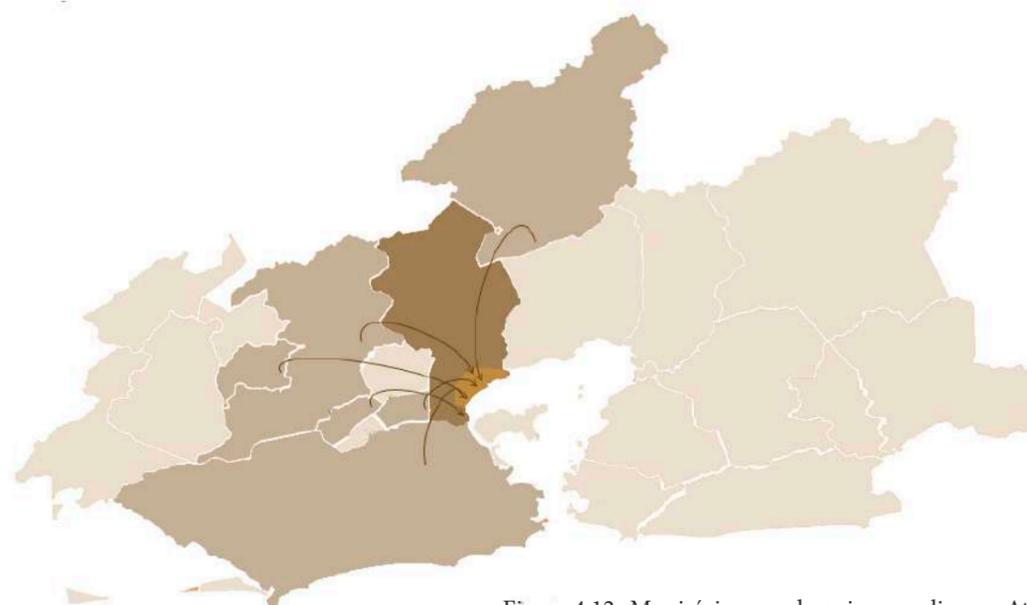


Figura 4.12- Municípios que despejavam o lixo no Aterro Sanitário.
Fonte: SOSO GIS/ Editado pela autora.
(2022)

Alguns dos municípios faziam 12 viagens por dia, outros chegavam ao espantoso número de 44 viagens por dia, demonstrando como a dinâmica do aterro funcionava e como sua demanda era grande. Na via principal de acesso ao lixão, chegavam a transitar dia e noite cerca de 600 veículos de grande porte e, quanto mais se diminuir o fluxo, menor investimento seria necessário para a manutenção e o recapeamento do asfalto, que era de responsabilidade da empresa operadora (BASTOS, 2019, p.7)

Mesmo com todo o cenário desse território que apresenta tantas sobreposições, mais uma surge para análise: a luta pela sobrevivência. A contradição existente ultrapassa a organização espacial, a estrutura urbana, ela interfere diretamente nas vidas das famílias que ali residem, pois com a implantação do aterro, a coleta de lixo se tornou a grande fonte de renda das famílias. Pessoas vinham de fora do município para trabalhar no lixão, e pessoas do próprio bairro tinham seu sustento diretamente da coleta de lixo.

Para especialistas, os fatores negativos que o aterro agregou para aquele território se sobressaem, mas é necessário ter um olhar interseccional para entender que o lixo de certa forma foi o sustento de pessoas pobres e majoritariamente negras, pois literalmente se criou uma economia interna e uma dinâmica de comercialização de resíduos. A economia da reciclagem chegou a produzir cerca de R\$1,5 milhão/mês.

“Foram encontradas condições favoráveis, em meio à insalubridade.” (BURITY, 2019, p.2)

4.3 JARDIM GRAMACHO: Três Janelas para o Racismo Ambiental

A questão ambiental é uma questão global, atualmente o mundo está sofrendo consequências drásticas devido à nossas escolhas. Poluição desenfreada, poder político ausente ou conivente, entre outros, são alguns dos fatores que ajudam a compor essa nossa realidade. No Brasil a situação anda crítica e quem paga o preço, é quem está no outro lado da moeda, a população.

O poder público dificilmente olha para a parcela da população que é vista como vulnerável. Lixos, resíduos tóxicos jogados em áreas sem o devido tratamento; pessoas vivendo em áreas de risco de deslizamento; liberação de agrotóxicos; desmatamentos em áreas de preservação, são alguns casos que afetam diretamente grupos sociais de menor recurso financeiro, político e informacional.

Jardim Gramacho foi o território escolhido para reter a aproximação do resíduo sólido na Região Metropolitana por mais de três décadas, configurando-se como uma zona de sacrifício, uma dinâmica que não se encerrou com o fechamento do aterro, essa prática está diretamente ligada ao fato de que o espaço urbano é organizado de uma forma desigual, favorecendo quem possui a concentração do capital, revelando assim o que já é visível: há distância social entre os sujeitos, seja econômica, racial ou social, principalmente em um país onde foi implantado o mito da democracia racial.

É importante cruzar as vertentes raça e classe, visto que a população negra é geralmente colocada em situação de pobreza, com uma difícil inclusão social. Sendo assim,

“A pobreza não é um fenômeno inscrito na natureza das coisas, mas sim um produto de processos sociais precisos de despossessão (da terra, dos instrumentos de trabalho, de capital cultural, enfim, dos meios que permitam a reprodução das condições de existência), disciplinamento (dos corpos e das mentalidades) e exploração (da força de trabalho) para produção de bens e riquezas que são apropriados por outrem. Esse esquema, grosso modo, é um dos motores centrais da produção da desigualdade social e, consequentemente, da pobreza, seu efeito mais visível. Assim, a pobreza não é um estado, mas um efeito, fruto de um processo social determinado e com características próprias” (ACSELRAD et al., 2009, p. 76 APUD NATALIA BURITY)

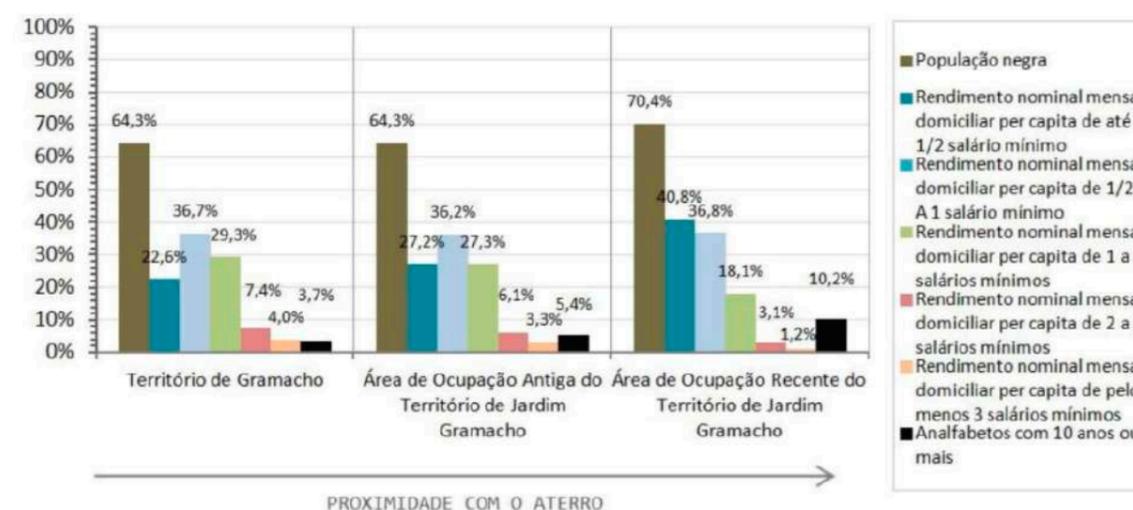


Figura 4.13- Características da população segundo pertença negra, renda nominal mensal domiciliar per capita e analfabetismo com 10 anos ou mais no bairro Jardim Gramacho.

Fonte- Artigo Resíduos Sólidos e Racismo Ambiental: O caso de Jardim Gramacho, Duque de Caxias/RJ.

(2019)

No gráfico anterior é possível observar como o território de Jardim Gramacho funciona de acordo com essas duas vertentes: raça e renda. Logo, a população apresenta as seguintes configurações: são em maioria, pessoas negras, com baixa escolaridade e excluídas do mercado de trabalho. Ressaltando o fato de quanto maior a aproximação com o Aterro mais esses índices ganham destaques.

A presença do aterro foi decisiva para a paisagem e para as vidas locais, houve ocupações de moradias improvisadas. Às inseguranças que o aterro transpassava, como o despejo de resíduos hospitalares e industriais, o aumento de depósitos clandestinos e vazadouros no entorno do aterro, rupturas do solo e um dos mais graves: vazamento de chorume.

Não podemos negar que há a necessidade de um destino final para o lixo, assim como sua coleta e reciclagem, para que possamos ter um equilíbrio e não sermos engolidos pelos rejeitos, pois a situação seria bem pior para a poluição ambiental, mas não esquecendo que a prática de aproximar ou afastar o resíduo está diretamente ligada à organização desigual de quem retém o capital.

Encontrar um equilíbrio e uma igualdade é difícil, devido a falta de interesse do poder público de atuar em áreas periféricas e de grande vulnerabilidades, mas é necessário que haja luta, que haja justiça ambiental e social.

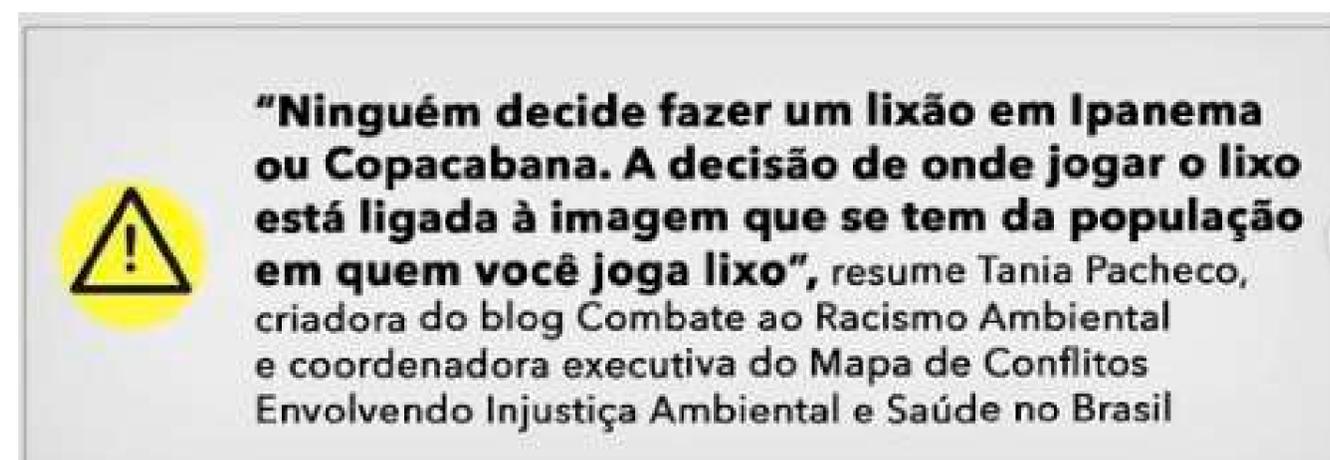


Figura 4.14- Crítica ao racismo ambiental
Fonte: @Levikaique
(2022)

Nas páginas seguintes, organizo as inserções em campo como um diário de bordo, afim de descrever minhas experiência no primeiro contato com o território.

A primeira experiência foi em 2018, através do programa de voluntariado da ONG Teto, tendo contato com alguns moradores que também participavam da instituição. Nessa inspeção os sentimentos foram mais reclusos para mim, minhas percepções ecoaram para que eu chegasse nessa fase e nesse estudo.

A segunda, já no contexto do TFG revelou uma situação mais leve, onde pude ir em diversas casas de moradores, cada um no seu perfil, e ali ter minha proximidade, para compreender realmente como cada um vivencia o território à sua maneira.

DIÁRIO DE BORDO

“ Minha primeira experiência com voluntariado se deu em Julho de 2018, quando me inscrevi para participar de um evento de construção de casas em situação emergencial, pela ONG TETO. Através de uma postagem de rede social de uma amiga da Fau, que já tinha participado de trabalhos voluntários, tive a oportunidade de pesquisar sobre como tudo funcionava, e assim me apaixonei por toda a metodologia.

No meu período de férias fui para essa aventura que eu nem imaginava o quanto me afetaria. A TETO possui eventos de construção de 3 dias e 6 dias, eu tendo escolhido a segunda opção. Durante os dias de construção, os voluntários não podem sair da comunidade, então toda a experiência se dá com total imersão àquela realidade. Eu tinha muitas dúvidas: Onde ficaria? O que comeria? Quanto tempo dormiria? entre outras, que aos poucos foram sendo reveladas.

Assim que chegamos, à noite, fomos encaminhados para o local onde íamos residir, um colégio municipal, dentro de Jardim Gramacho. O local era precário, lembro que um dos dias houve chuva e tivemos que distribuir baldes em diversos pontos de vazamento. O espaço não era tão grande, mas o suficiente para abrigar todos os voluntários,

um número de aproximadamente 80 pessoas.

Devido a grande quantidade de voluntários, uma das regras é a proibição de banhos, devido ao histórico do lugar com a falta de água, com isso nossa higiene era feita com lenço umedecido, isso sempre chocou a todos quando a experiência é contada.

Na primeira noite foram dadas as instruções, divisões da equipe e dinâmicas em grupo. Já no dia seguinte, acordamos às 4, é importante ressaltar como é feita essa organização: equipe de staff fica no colégio e são responsáveis por acordar os voluntários, fazer e organizar o café da manhã, distribuir as ferramentas que são utilizadas nas construções, já os voluntários são divididos em grupo com dois líderes em cada equipe.

Uma das regras é sempre andar acompanhado, por isso íamos sempre todos os voluntários juntos, da escola até a região onde as casas seriam construídas e assim fomos, até chegarmos no nosso destino: casa de Camila.

Camila era casada, estava grávida e tinha mais dois filhos, e sua casa nova seria construída no mesmo terreno onde já residia, sem a necessidade de derrubar a existente, pois o terreno era grande. Assim, vimos de perto a sua realidade, e um dos seus relatos

tos e reclamações eram a presença de bichos como ratos, lacraias dentro de casa com bastante frequência, tendo contato direto com as crianças. A casa onde Camila estava morando tinha 3 cômodos: quarto, cozinha e banheiro, todos em chão de terra, forrado com tapetes. As paredes eram feitas de restos de móveis e tapumes, o banheiro não tinha chuveiro, nem pia, muito menos água encanada, para isso eles utilizavam uma caixa d'água como suporte para descarga e banho, e ali só esse banheiro dava suporte para nossa equipe. Equipe essa que foi composta por 8 pessoas, de diversos lugares e realidades, uma das nossas líderes era a Aline, moradora de Jardim Gramacho, fazendo total diferença para a equipe, pois podíamos trocar diversas idéias. Voltando à casa da Camila, lembro do meu impacto vendo à casa e principalmente o banheiro, era estranho pensar em como um município ao lado de onde eu resido possuía aquela realidade, o choque de ver como funcionava o banheiro, juntava com o fato de eu não estar podendo tomar banho mas sabendo que quando eu chegasse em casa, meu banho estaria garantido, com água quente. Na hora do almoço, comemos no quintal da vó de Camila, que era bem próximo, geralmente duas equipes almoçam juntas, além de membros de Staff.

A realidade da casa da vó da Camila não era muito diferente, mas ela era feita de alvenaria, o banheiro um pouco mais ajeitado, mostrando assim a complexidade que foi entender tudo e a complexidade que há dentro do território.

A segunda casa que construímos a moradora também se chamava Camila, que tinha duas filhas. Diferente da primeira família, nessa casa não tivemos contato direto com a moradora, pois ela tinha que trabalhar, assim tivemos um pouco de contato com sua irmã.

Diferente da primeira casa, o terreno estava vazio, pois seu tamanho não permitia ter muita coisa, logo a casa que ela morava anteriormente teve que ser derrubada.

Nas construções precisamos ir na rua pegar brita que será utilizada na colocação do pilar. E nesses momentos eu pude observar o entorno, as ruas, as pessoas, os animais com doenças de pele, a falta de pavimentação, os canos que passavam no meio da rua na tentativa de levar água até as casas e as nuances entre casas de alvenarias e casas de restos de madeira, além do esgoto exposto.

Nos terrenos das casas encontrávamos muito lixo enquanto cavávamos os locais que receberiam os pilares. Era muito comum a gente se deparar com camadas de tapetes enquanto cavava e retirava terra, lembro



Precariedades de Habitação



Falta de abastecimento de água



Falta de saneamento básico

que tivemos um empecilho durante o processo que foram dois objetos grandes e duros na direção de onde ficariam os pilares, foram horas na tentativa de identificar e retirar, no fim era uma caixa d'água que não pôde ser retirada totalmente, devido a dificuldade tivemos que adaptar o pilar, e o segundo objeto foi uma peça enorme de carro, que conseguimos retirar com a ajuda de vários moradores. Vale ressaltar a participação dos moradores, além dos próprios donos das casas é comum recebermos ajuda de diversas pessoas.

A experiência serviu para me mostrar que há desigualdades dentro de territórios que já são considerados vulneráveis, além de me mostrar que a profissão que escolhi pode ser utilizada como ferramenta de ajuda.

Agradeço à todos que tiver oportunidade de conhecer nesse lugar que nos recebe e nos abraça com tanto carinho. Para mim, Jardim Gramacho é isso: afeto

A seguir compartilho alguns registros dessa jornada.



Figura: 4-15- Escola e voluntários
Fonte: ONG TETO. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/154063445@N04/>

(2018)

Início da jornada, em frente à escola que nos recebeu com hospitalidade. Na imagem é possível ver a fachada dessa escola, assim como seu entorno. Ela fica localizada em uma área que possui uma infraestrutura melhor, destoando assim das localidades das casas.

Imagens mostram a equipe de voluntariado completa, além de um momento de dinâmica também entre os voluntários.

Além dessa dinâmica entre os voluntários, há o dia da família, onde receberemos todas as famílias que receberão suas casas. Esse é um dia de muito conhecimento e troca com os moradores.



Figura: 4-16 Equipe de voluntariado
Fonte: ONG TETO.
Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/154063445@N04/>
(2018)



Figura: 4-17 Equipe de voluntariado
Fonte: ONG TETO.
Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/154063445@N04/>
(2018)

A chegada dos materiais na comunidade acontece alguns dias antes da data da construção. Para o descarregamento também é utilizado a mão de obra dos voluntários.

Após sua chegada, são armazenados em um único local, estrategicamente próximo aos terrenos.



Figura 4-18 Montagem da casa
Fonte: ONG TETO.
Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/154063445@N04/>
(2018)



Figura 4-19 e 4-20 Descarga das placas modulares das casas
Fonte: ONG TETO.
Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/154063445@N04/>
(2018)



Figura 4-21 Início da fase de aplicação das telhas

Fonte: ONG TETO.

Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/154063445@N04/> (2018)



Figura 4-22 Montagem da casa

Fonte: ONG TETO.

Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/154063445@N04/> (2018)

As casas obedecem uma modulação de 6 x 3 metros, sem adição de banheiro, sendo esse de responsabilidade do próprio morador. É uma construção com painéis pré fabricados.

Outra etapa que acontece é o dia da pintura das casas, feito no final de semana posterior a finalização delas.



Figura 4-24 Entrega de certificado da casa

Fonte: ONG TETO.

Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/154063445@N04/>

(2018)



Figura 4-25 Presente para a casa nova

Fonte: ONG TETO.

Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/154063445@N04/>

(2018)

Processos de entrega das casas: fazemos uma singela cerimônia com os moradores, onde é entregue um certificado simbólico. Costuma ser um momento de muita emoção.

O relato da experiência como voluntária da ONG teto levanta questões sobre a atual condição urbana e ambiental do Jd. Gramacho, ressaltando deficiências na qualidade da habitação, a ausência de acesso às infraestruturas de saneamento e distribuição de água, que leva a e como consequência, a insalubridade, proliferação de doenças e poluição ambiental, como exemplificado a seguir:

PRECARIIDADES DE EQUIPAMENTOS URBANOS

Em locais de grande vulnerabilidade é comum a falta de investimentos em equipamentos públicos e em Jardim Gramacho não é diferente disso. Para um bairro ter um bom funcionamento, sua população tem precisa ter acesso à uma estruturação mínima.

Uma reclamação recorrente em relação a mobilidade: para adentrar ao sub bairro de Jardim Gramacho há uma dependência de uma única linha de ônibus, logo se existir emergências a única saída é se deslocar por conta própria até à Rodovia W. Luiz.

Em relação à saúde também existe uma precariedade, geralmente acabam se deslocando para à área central do município, que por exemplo, abriga uma UPA infantil que é muito preocupada.

Outros problemas também afetam o sub bairro, como: falata de áreas de lazer, como praças; falata de asfalto em determinadas localidades, entre outros.



MORADIA

Jardim Gramacho possui uma desigualdade entre suas moradias, nota-se que áreas próximas à Washington Luiz são moradias com uma estruturação melhor, costumam ser de alvenaria e com equipamentos essenciais como esgoto e água. Enquanto isso áreas que são mais distantes, adentro do bairro, possuem moradias precárias, em situações de calamidade, são em sua maioria casas de restos de madeiras, sem nenhum tipo de encanamento e água.



Figura 4.26 - Casa em Jardim Gramacho
Fonte: Unigranrio. Disponível em: <http://www.unigranrio.com.br/noticias/index.php/unigranrio-promove-intervencao-social-no-jardim-gramacho/>
(2015)



Figura 4.27
Fonte: Acervo pessoal.
(2022)



ÁREA SEM ACESSO À SANEAMENTO BÁSICO

É comum ver esgoto a céu aberto enquanto caminha-se por Jardim Gramacho, as áreas mais vulneráveis não possuem saneamento básico, logo suas casas precárias não possuem estrutura de esgoto. É comum os rejeitos serem eliminados em fossas, dependendo da localidade diretamente à áreas de mangue. Essa realidade pode acarretar diversos problemas de saúde, como : Leptospirose, disenteria bacteriana, cólera, dengue, podendo levar à morte.



Figura 4.28 - Falta de Saneamento Básico.
Fonte: Revista Usp. Disponível em: [file:///C:/Users/Let%C3%ADcia/Downloads/154315-Texto%20del%20art%C3%ADculo-331916-1-10-20190204%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Let%C3%ADcia/Downloads/154315-Texto%20del%20art%C3%ADculo-331916-1-10-20190204%20(1).pdf) (2018)



Figura 4.29 Criança próxima à esgoto
Fonte: Serra Verde FM. Disponível em: <https://www.serraverdefm.com.br/noticia/41/duque-de-caxias-esta-entre-as-cinco-piores-cidades-do-estado-em-saneamento-basico/>
(2019)

PARCELA DA POPULAÇÃO SEM ACESSO À ÁGUA

Segundo dados levantados pelo IBGE, Duque de Caxias possui 62% de domicílios ligados a rede de abastecimento de água. Porém dados sobre a distribuição de água mostram que há uma insuficiência em relação a demanda que o município precisa, onde localidades que ficam longe dos adutores e canalizadores, não recebem água com pressão, por isso, a CEDAE faz rodízio de abastecimentos entre bairros. Em Jardim Gramacho, zonas expostas à vulnerabilidades não possuem água encanada, para obter água eles usam manobras como: mangueiras vindo de regiões que possuem água encanada, como auxílio de bombas, levam água até o quintal dos moradores, que armazenam para o uso da semana.



Figura 4.30 Borrachas que levam água as casas.
Fonte: Acervo pessoal.
(2022)



Figura 4.31 Armazenamento da água para uso da semana
Fonte: Acervo pessoal.
(2022)

PROLIFERAÇÃO DE BICHOS E DOENÇAS

Presença de bichos como ratos, baratas, cupins, são frequentes, principalmente pelo fato de ser um território tomado por resíduos sólidos, e uma das causas da proliferação é o desequilíbrio do ambiente, logo um local onde a falta de um manuseio correto dos resíduos era comum, o que mais há é desequilíbrio ambiental.

Infelizmente as recomendações dadas pelos especialistas para evitar a proliferação de bichos e doenças, como por exemplo: manter lixos acondicionados, não é de grande facilidade para uma população que viveu grande parte da sua história exposto ao lixo.



Figura 4.11- Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho
Fonte: Diário do Rio. Disponível em: <https://diariodorio.com/jardim-gramacho-a-bangladesh-que-se-esconde-no-rio-de-janeiro/>
(2019)

DIÁRIO DE BORDO

No dia 09 de Fevereiro de 2022, estive em Jardim Gramacho, com a ajuda da Ong Casa e Semente. Essa ONG, recebe diversas crianças diariamente para dar reforço escolar, e algumas outras atividades educacionais.

Voltei ao local de estudo em busca de troca com moradores e para registro de algumas fotos. Essa última finalidade não pôde ser realizada com muito sucesso, visto que a área sofre pela marginalização, logo fica um pouco perigoso fazer registros na rua, mas alguns foram feitos nas casas de visitamos, no total conversei com seis famílias.

As conversas se nortearam na direção de entender a histórias das pessoas no Jardim Gramacho. Todos moram em Jardim Gramacho desde seu nascimento, a maioria teve parente ou trabalhou no Aterro, que hoje se encontra desativado e todos moram perto do antigo aterro, ou seja, área de extrema carência.

E foi pelas carências do lugar que chegamos ao assunto: desativação do Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho. A maioria não viu o início do aterro mas o vivenciou, seja diretamente ou através de familiares que lá trabalhavam, ou seja, o aterro foi

foi fonte de renda para suas famílias, todos sentem falta de tê-lo ativo por causa da situação em que ficaram as pessoas que trabalhavam lá. Algumas tiveram acesso à indenização, outras não.

Com isso fez-se necessário um entendimento sobre como a desativação do aterro influenciou negativamente a vida daquelas pessoas, principalmente os catadores.



Renda do lixo



A complexidade que o sub bairro de Jardim Gramacho apresenta faz com que haja um embate entre duas realidades: o solo que é explorado, injustiçado e que sofre consequências por isso, seja, estruturalmente, socialmente ou ambientalmente; e o solo que é literalmente a fonte de sobrevivência de uma parte da população.

É o caso dos catadores que trabalharam no aterro sanitário enquanto ele estava ativo, famílias inteiras iam em busca do seu sustento, crianças, idosos, além de moradores de outras regiões do Estado. Em 2004 foi criada a Associação de Catadores de Jardim Gramacho, com a finalidade de ser uma ponte de comunicação e reivindicações, principalmente em relação ao fechamento do Aterro.

Considera-se que aproximadamente 1.500 catadores que viviam de reciclagem, ficaram desempregados. O acordo feito, deu à eles uma indenização de 15 mil reais., mas de acordo com alguns moradores nem todos conseguiram receber a quantia de seu direito. Além disso houve um grande aumento de depósitos clandestinos atuantes na área, mais um tipo de exploração no local.

Nos mapas abaixo podemos ver através de duas janelas do território de Jardim Gramacho, como foi a mudança no decorrer do tempo, levando em consideração ao significativo aumento dos depósitos e do adensamento habitacional.



Figura 4.34 - Catadores

Fonte: O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/paes-anuncia-que-aterro-de-gramacho-sera-fechado-no-dia-23-4609092> (2012)



Figura 4.34 - Catadores

Fonte: O Globo. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/rio/lixoes-muito-alem-de-gramacho-5040424> (2012)

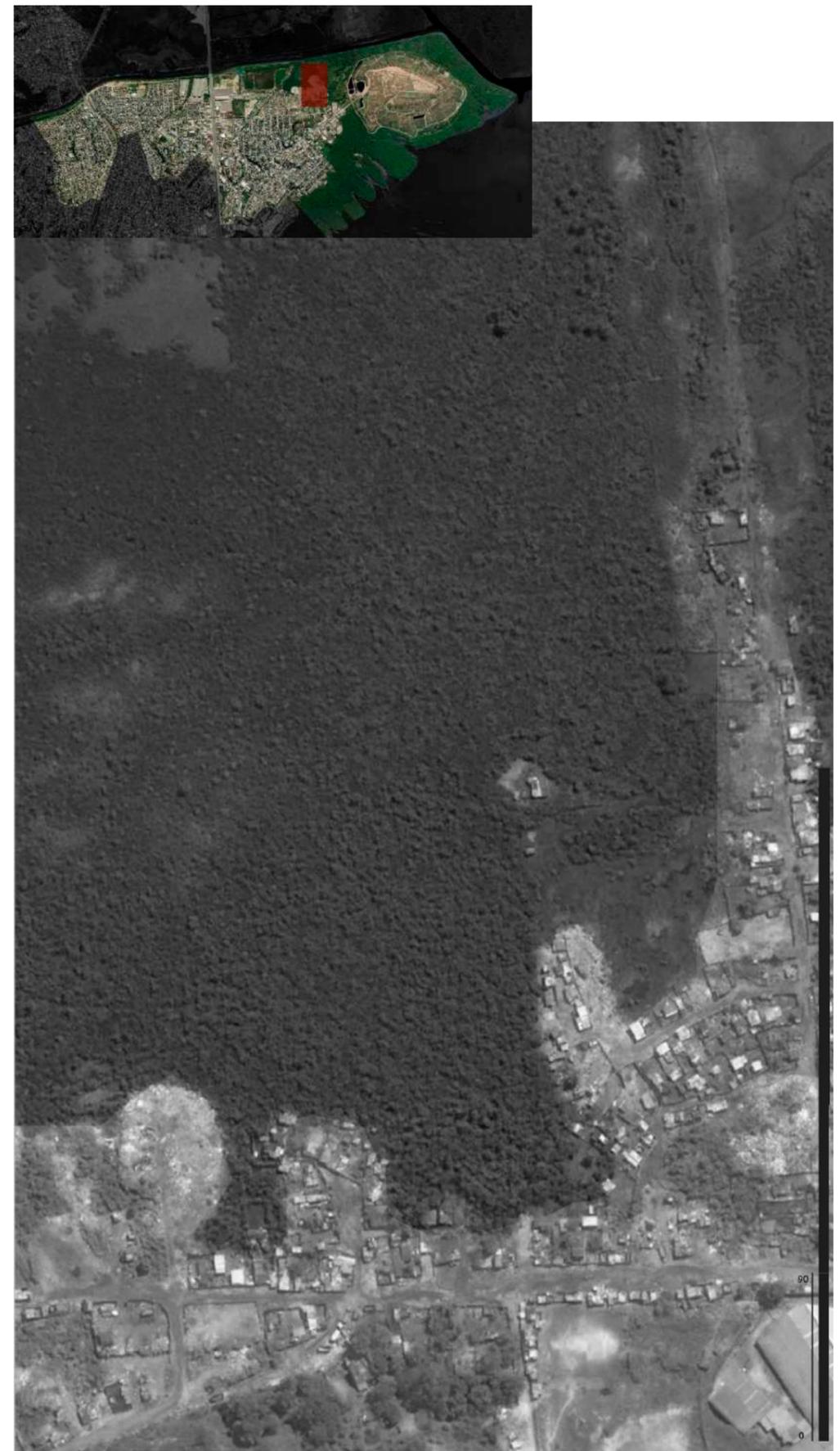
Entendidas as dinâmicas que culminaram na estruturação do sub-bairro Jardim Gramacho, apresentamos aqui duas janelas que nos permitem observar as dinâmicas urbanas e a transformação do território durante o tempo em que o aterro sanitário esteve em funcionamento e posterior ao seu fechamento. As janelas foram escolhidas por se localizarem em áreas ambientalmente sensíveis. A norte a Janela 1 mostra uma área limítrofe da urbanização precária do bairro no início da década de 2000, próxima ao córrego. A janela 2 foi escolhida por estar localizada em área de mangue.

A implantação do Aterro Sanitário ocasionou diversas consequências para aquele local, principalmente em áreas próximas à ele, é o caso da janela de recorte, localizada na área conhecida como Parque Planetário.

As figuras 4.36, 4.37 e 4.38 mostram como o território se comportou com o passar do tempo, considerando o fechamento do Aterro, no ano de 2012. Nota-se mudanças físicas drásticas, nos anos de 2003, 2011 e 2021, logo podemos concluir que não só com o aterro ativo existe degradação ambiental e vulnerabilidade, e sim, que seus impactos perpetuam pelo território.

A figura 4.38 representa o território mais atual, com uma diferença de 9 anos da desativação do Aterro, e incrivelmente é o pior cenário dentre os analisados. Uma das promessas dos governantes seria um projeto urbano para o local, afim de levar qualidade de vida para os moradores e de contribuir de alguma forma com o meio ambiente, visto que o projeto continha um olhar ecológico para a área. Mas, é notório que as promessas nunca foram cumpridas.

O local ficou bem mais desassistido, pelo poder público, abrindo brechas para depósitos clandestinos e circulação de lixo indevida como observamos na imagem aérea atual



2003



2011



2021

Figura 4.35; 4.36 e 4.37 - Mapa de 3 janelas do território de Jardim Gramacho, nos anos de 2003, 2011 e 2021.
Fonte: Google Earth e Alterado pela autora



2003



2011

Figura 4.38; 4.39 e 4.40 - Mapa de 3 janelas do território de Jardim Gramacho, nos anos de 2003, 2011 e 2021.
Fonte: Google Earth e Alterado pela autora



2021

No segundo recorte podemos ver uma área ao lado do mangue que beira a Baía de Guanabara, possível área aterrada, visto que esse território passou por diversos processos de aterro, com a finalidade de expansão territorial e populacional.

Na figura 4.39, referente ao ano de 2011 nota-se um tímido avanço de reflorestamento. Porém nota-se que 10 anos depois esse avanço foi totalmente deixado de lado, para dar lugar à um grande empreendimento imobiliário.

Esse processo é muito comum em áreas desassistidas pelo poder público, e acaba sendo a abertura de caminhos para a construção irregular, que culturalmente já faz parte da realidade periférica do Rio de Janeiro. Além disso, as dinâmicas imobiliárias da Região Metropolitana do Rio de Janeiro na última década pressionou as áreas periféricas, menos equipadas, a receber grandes conjuntos habitacionais populares. Independente da modalidade de implantação desse grande empreendimento, é preocupante o adensamento populacional em área de preservação e ambientalmente sensível.

4.5 Conclusão

O Brasil é um país onde o racismo estrutural se fez presente por toda sua história. Ele estruturou todas as camadas da sociedade e as consequências nos acompanham por gerações e gerações. O mito da democracia racial compactua para que haja mais segregações.

E o racismo ambiental tem como base a segregação, onde uma parcela da população, que é composta por pessoas pretas e pobres, sofre cotidianamente por atos e escolhas de pessoas que estão de posse do privilégio, pois a classe dominante se apossou de toda vantagem, econômica, social para conseguir manter no topo de quem usufrui, lucra e descarta.

O Aterro Metropolitano de Jardim Gramacho, recebia toneladas de lixo diariamente, e as dinâmicas envolvidas na escolha da sua localização, na sua implantação e posterior fechamento exemplificam as Zonas de Sacrifício da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. A presente pesquisa, através de aproximações cartográficas, teve como objetivos expor e denunciar dinâmicas urbanas permeadas pela noção de racismo ambiental. As janelas para o racismo ambiental aqui apresentadas nos mostram que mesmo quando questões ambientais são supostamente remediadas - como o fechamento do aterro em Jd. Gramacho, apenas com uma leitura interseccional do território, levando em consideração, classe e raça, podemos verdadeiramente explicar como o racismo estrutural se rebate no território contemporâneo do Rio de Janeiro.

4.6 Bibliografia

ACSELRAD, Henri. Ambiente, desigualdade e racismo. Racismo Ambiental, 2020.

Disponível em: <<https://racismoambiental.net.br/2020/12/29/ambiente-desigualdade-e-racismo-por-henri-acselrad/>>. Acesso em 20. Ago.2021

FOTOS: ONG TETO

Disponível em:< <https://www.flickr.com/photos/154063445@N04/>>

GARCIA, Antônia dos Santos. Desigualdades raciais e segregação urbana em antigas Capitais: Salvador, cidade d' Oxum e Rio de Janeiro, cidade de Ogum; Tese de Doutorado em Urbanismo, Rio de Janeiro, 2006.

IBGE

Disponível em:< <https://www.ibge.gov.br/>>

Mapa da desigualdade: Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Casa Fluminense, 2020.

Disponível em : <https://www.casafluminense.org.br/wp-content/uploads/2020/07/mapa-da-desigualdade-2020-final_compressed.pdf>. Acesso em 27. Ago.2021

OLIVEIRA, Marcelo Leles Romarco; SIMAN, Frederico Magalhães. Entrevista com o professor Henri Acselrad. Rever - Revista de Extensão e Estudos Rurais.

OLIVEIRA, Michele Lima de. Caracterização dos impactos socioambientais no entorno do aterro controlado de Jardim Gramacho, Município de Duque de Caxias. Tese de Graduação em Geografia, Duque de Caxias, 2007.

VESCINA, Laura Mariana. Projeto Urbano Paisagem e Representação; Tese de Doutorado em Urbanismo; Rio de Janeiro, 2010.

PACHECO, Tani. Desigualdade, injustiça ambiental e racismo: Uma luta que transcende a cor, 2007

Disponível em: < <https://racismoambiental.net.br/textos-e-artigos/desigualdade-injustica-ambiental-e-racismo-uma-luta-que-transcende-a-cor/>>

PEREIRA, Tatiana Cotta Gonçalves. Sustentabilidade e Justiça Ambiental na Baixada Fluminense: identificando problemas ambientais a partir das demandas ao Ministério Público.2013

PEREIRA, Tatiana Cotta Gonçalves. Política Nacional de Resíduos Sólidos e um caso de injustiça ambiental como seu efeito socioespacial: a construção do aterro sanitário de Seropédica. São Paulo, 2017.

Ambiente e (In)Justiça: O Racismo Ambiental na Contextualização de Jardim Gramacho



MAPA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO



Fonte: Wikiwand, adaptado por Letícia Narciso, 2022

MAPA DUQUE DE CAXIAS



Fonte: SOS GIS, adaptado por Letícia Narciso, 2022

MAPA BAIRRO GRAMACHO



Fonte: Elaborado por Letícia Narciso, 2022

MAPA MAPA JARDIM GRAMACHO



Fonte: Elaborado por Letícia Narciso, 2022

RACISMO AMBIENTAL

Definição de Racismo Ambiental



Fonte: Levi Kaique. Disponível em: @levikaique

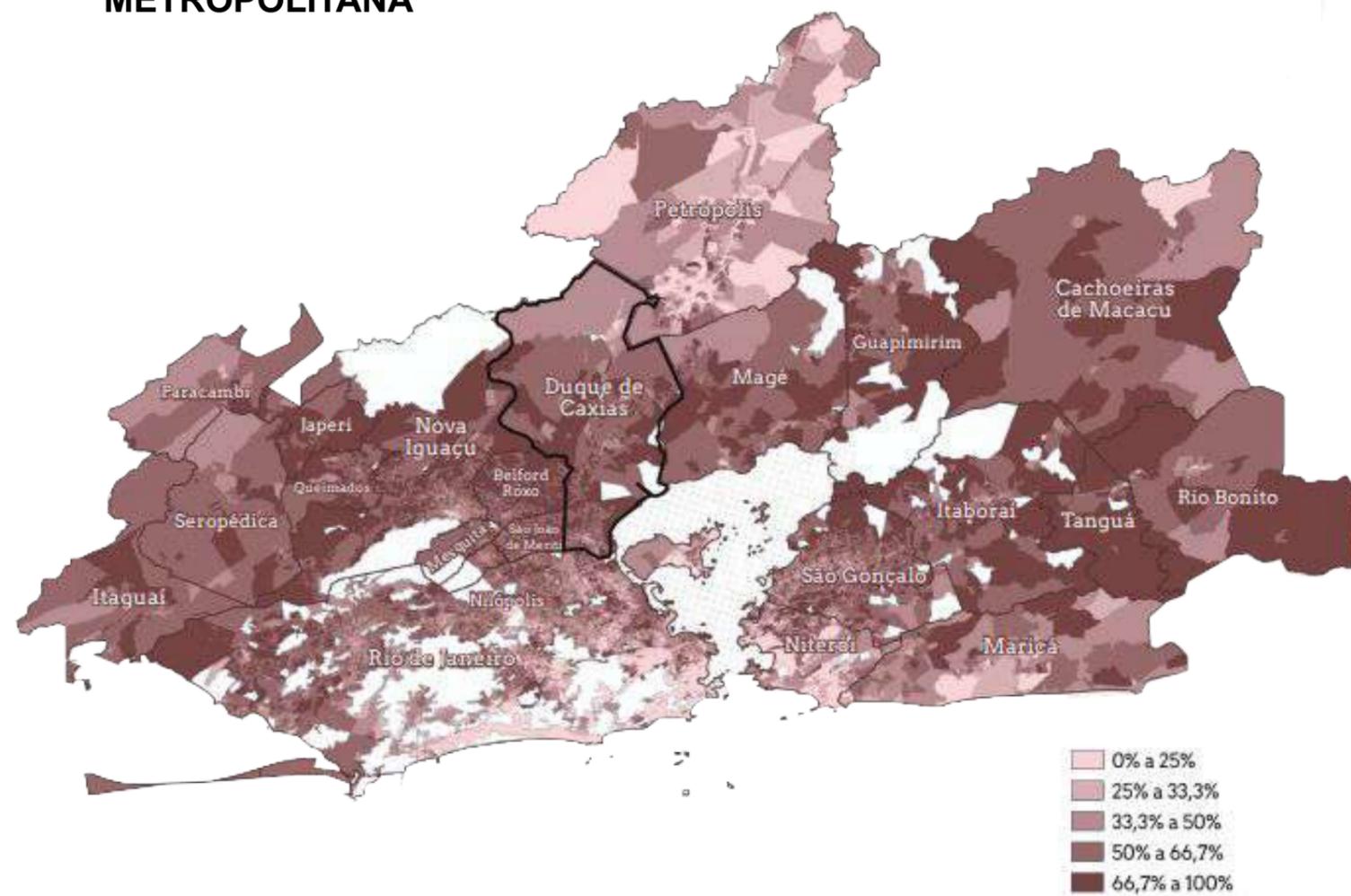


Alvo tem Cor e Cep

Fonte: elaborado por Letícia Narciso, 2022.

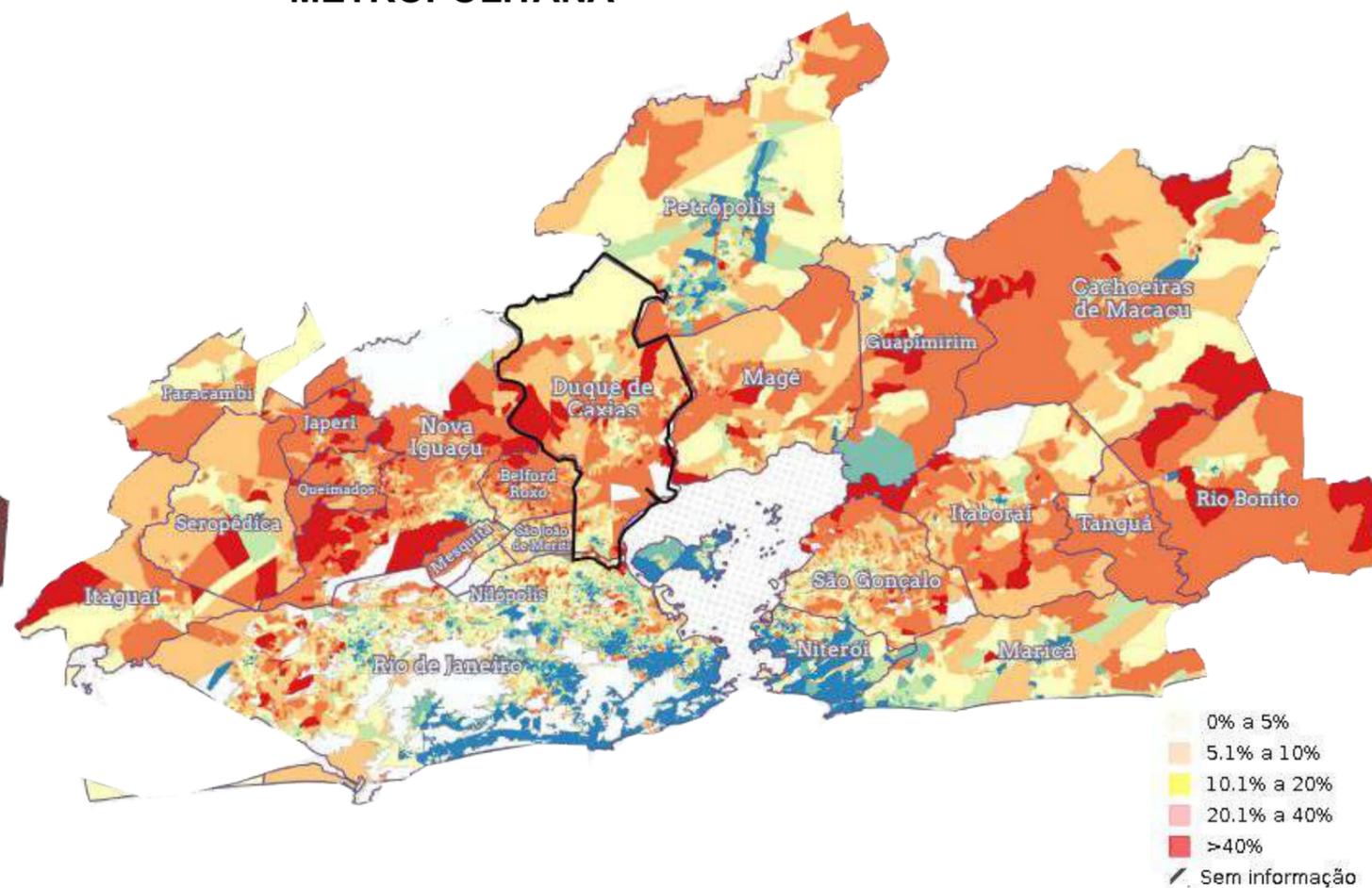
REGIÃO METROPOLITANA

MAPA PERCENTUAL DA POPULAÇÃO NEGRA NA REGIÃO METROPOLITANA



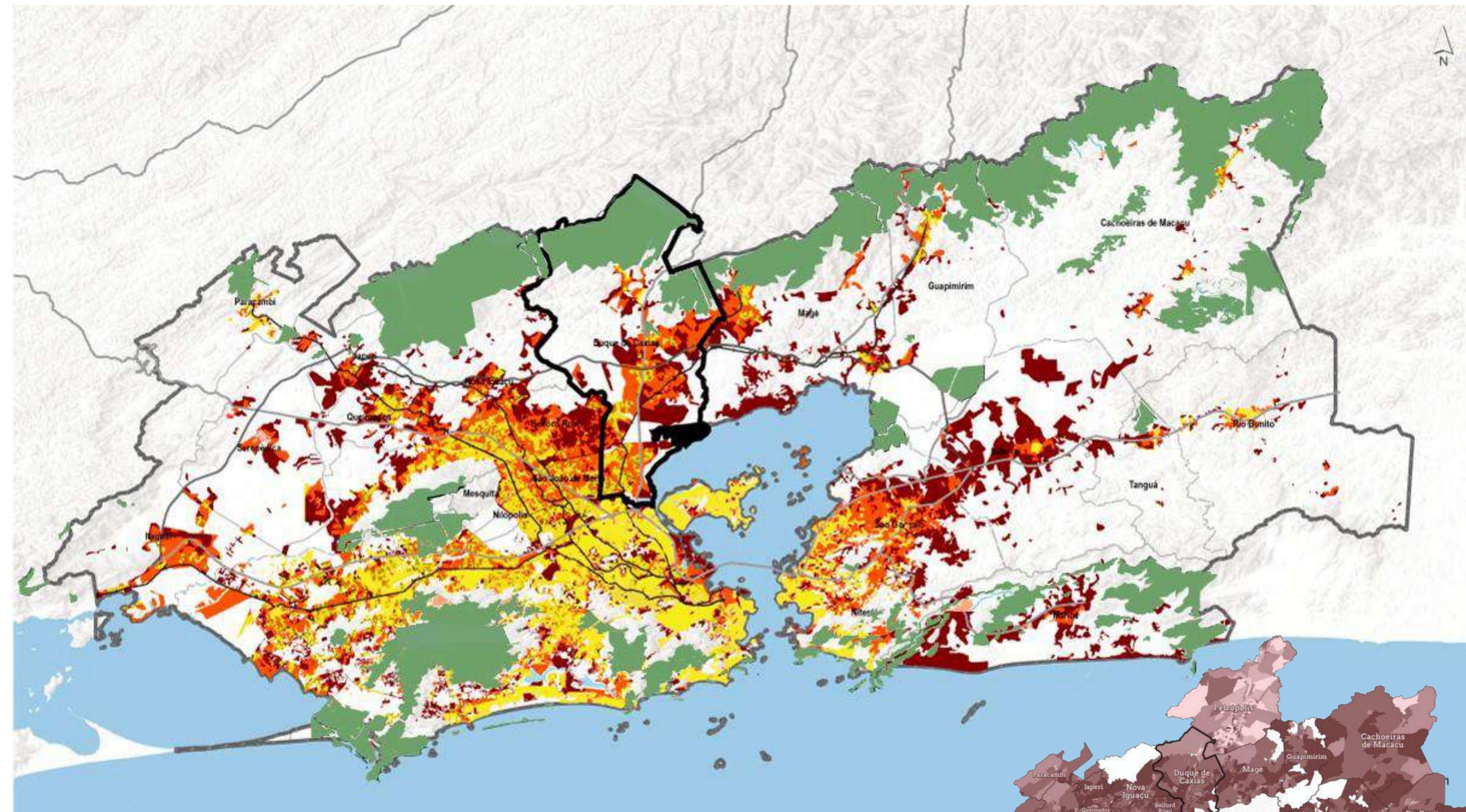
Fonte: Casa Fluminense
Mapa da desigualdade. Disponível em: <https://casafluminense.org.br/mapa-da-desigualdade/> 2020.

MAPA PERCENTUAL DE RENDA MÉDIA NA REGIÃO METROPOLITANA



Fonte: Casa Fluminense
Mapa da desigualdade. Disponível em: <https://casafluminense.org.br/mapa-da-desigualdade/> 2020.

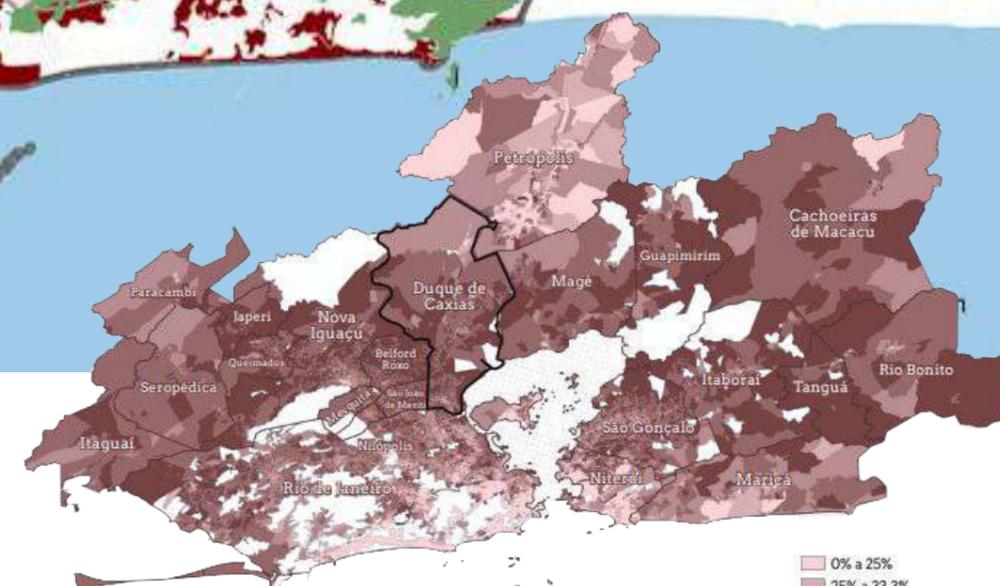
MAPA DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL E QUALIDADE URBANA



Índice de Qualidade Urbanística

- 0 - 50% - Inadequado
- 50 - 80% - Regular
- 80 - 100% - Adequado

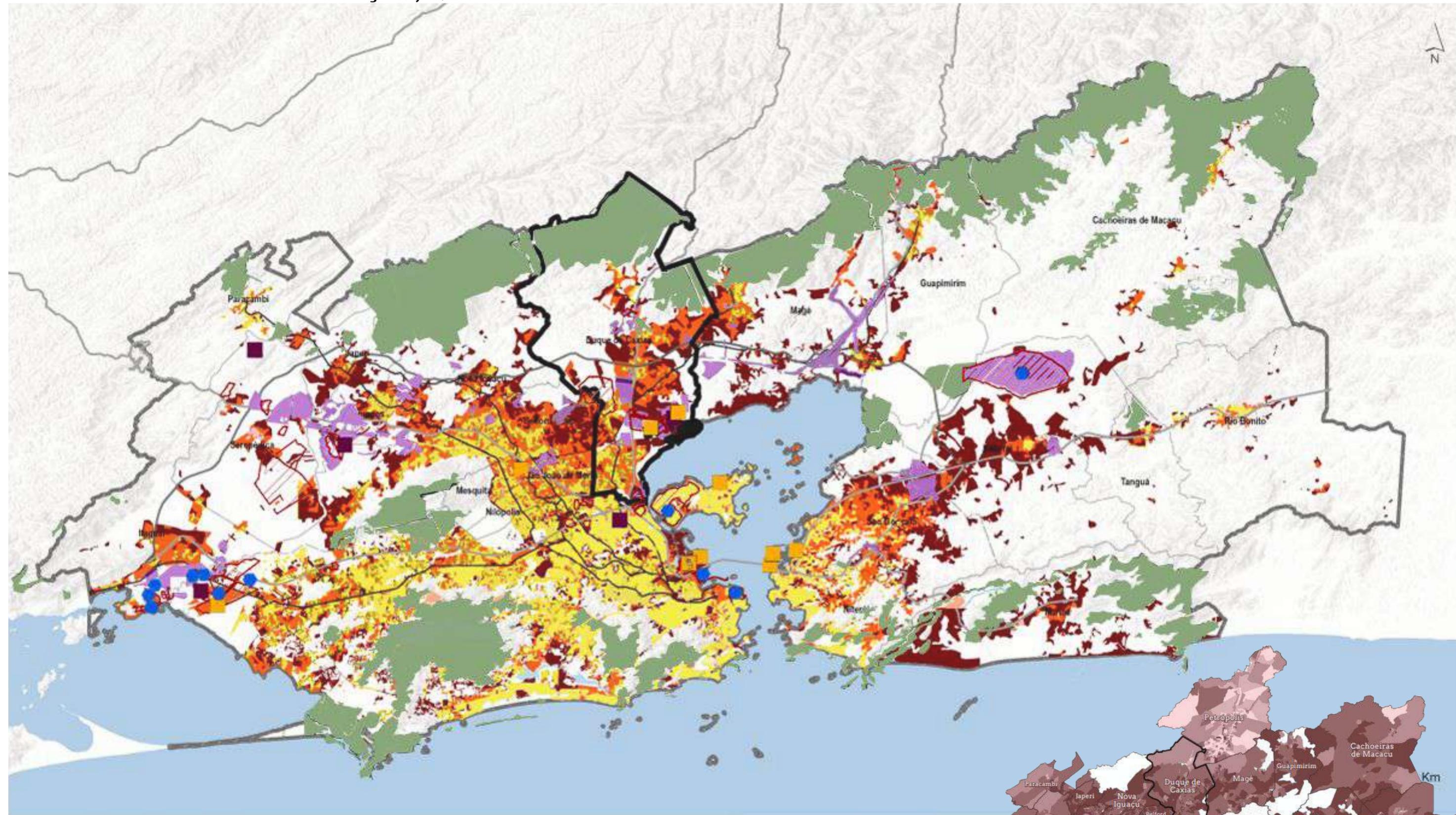
- Município de Duque de Caxias
- Bairro de Jardim Gramacho
- Área de Conservação Ambiental



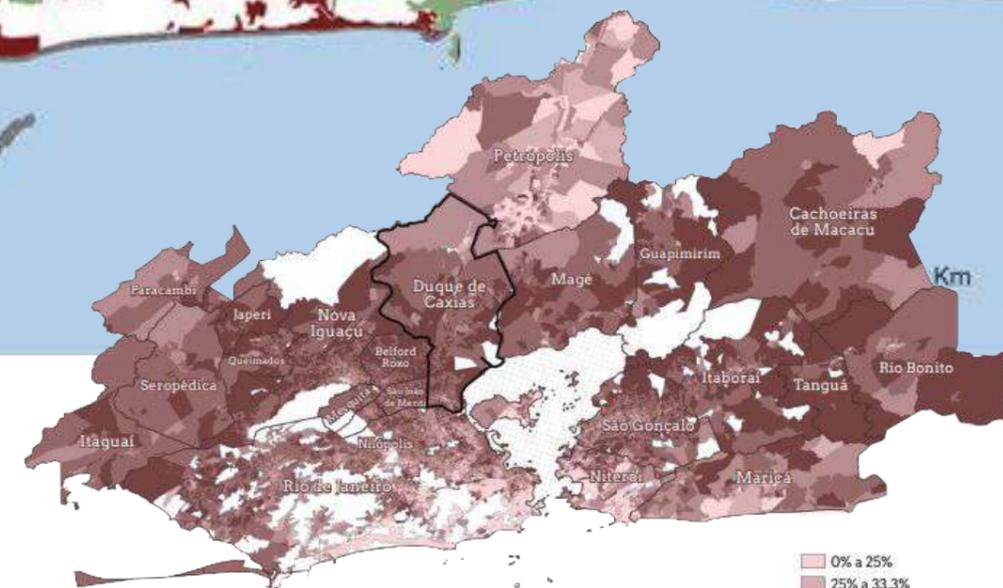
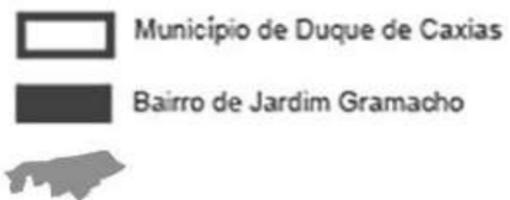
- 0% a 25%
- 25% a 33,3%
- 33,3% a 50%
- 50% a 66,7%
- 66,7% a 100%

Fonte: Plataforma Modelar Metr pole. Disponível em: <https://www.modelarametropole.com.br/>

MAPA DE ÁREA DE CONSERVAÇÃO, QUALIDADE URBANA E ÁREA DE INDÚSTRIA E LOGÍSTICA

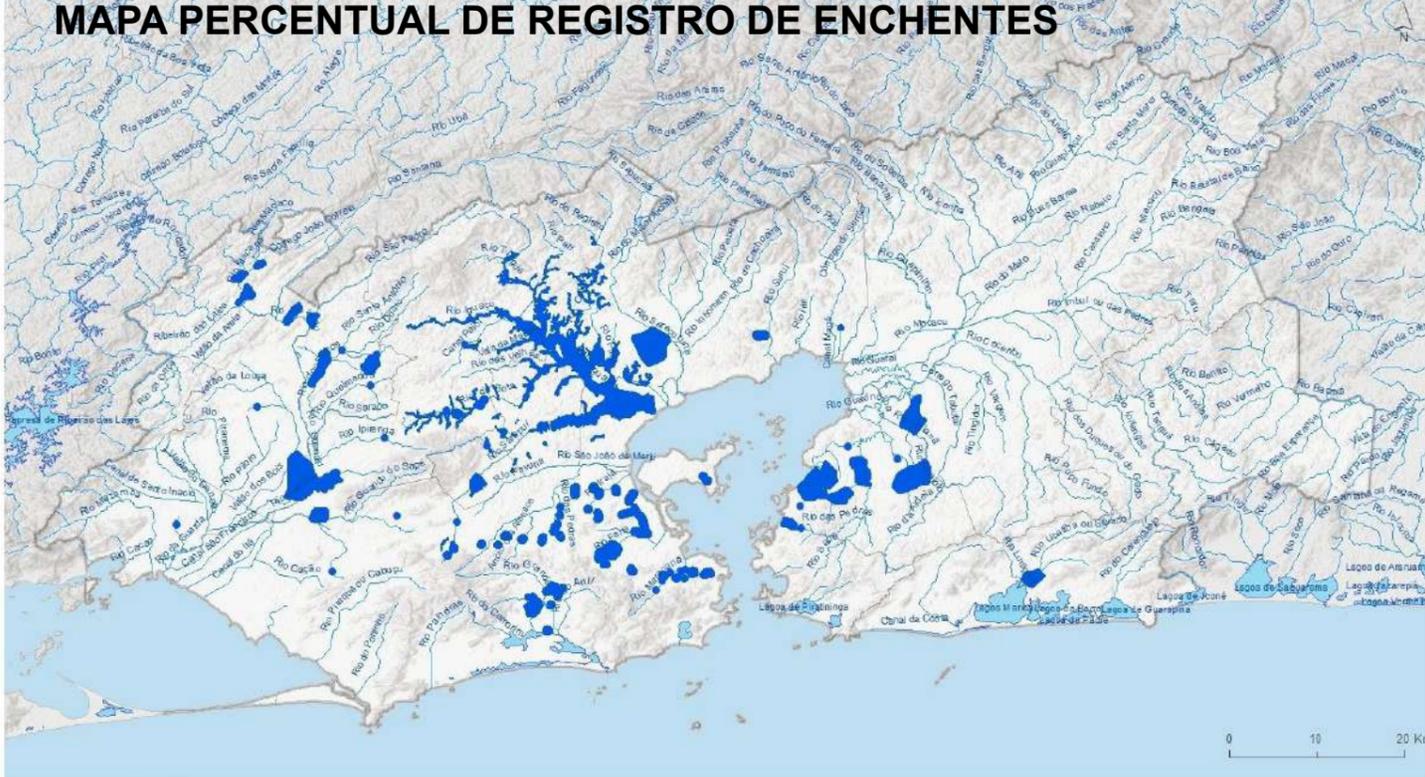


Índice de Qualidade Urbanística



Fonte: Plataforma Modelar Metrópole. Disponível em: <https://www.modelarametropole.com.br/>

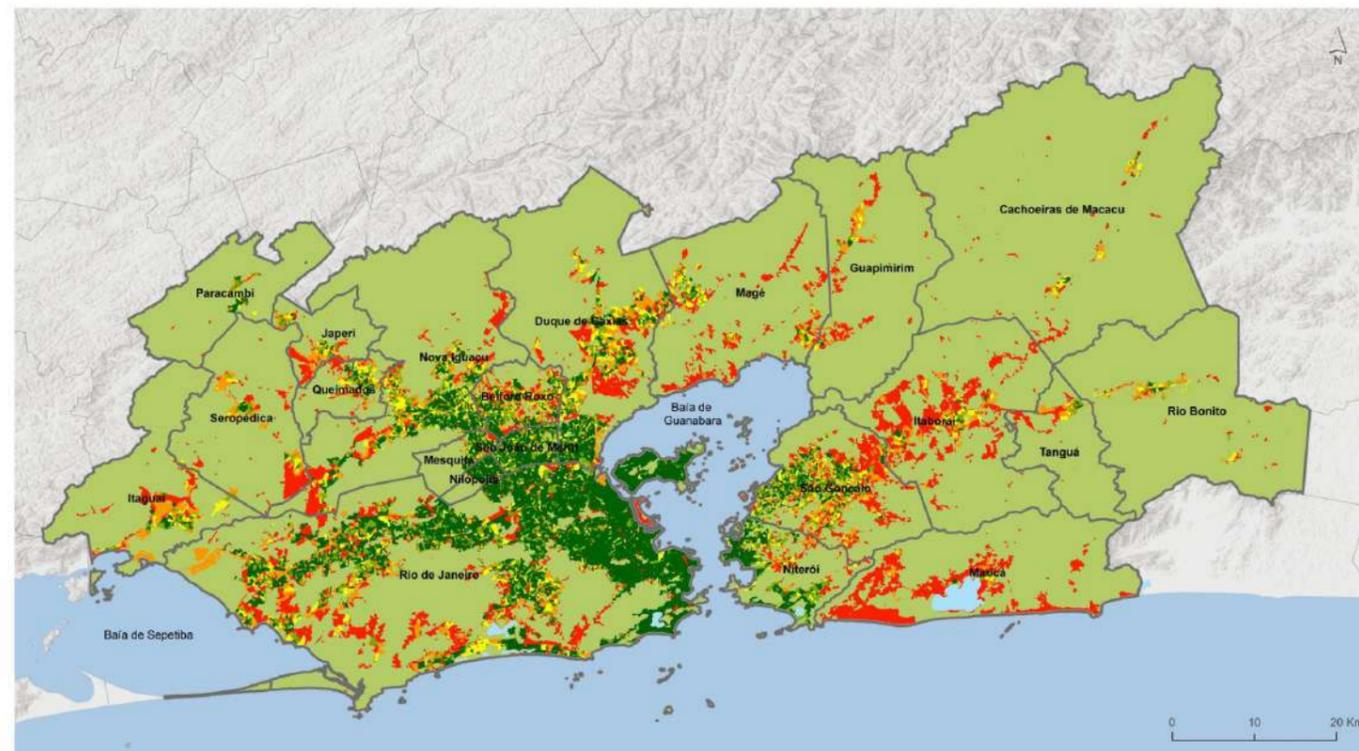
MAPA PERCENTUAL DE REGISTRO DE ENCHENTES



- Legenda**
- Hidrografia
 - Corpos D'água
 - Registros de inundação
 - Limites Municipais
 - Limite Metropolitano

Fonte: Plataforma Modelar Metrópole. Disponível em: <https://www.modelarametropole.com.br/> (Sem data)

MAPA PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS COM REDE DE ESGOTO SANITÁRIO.

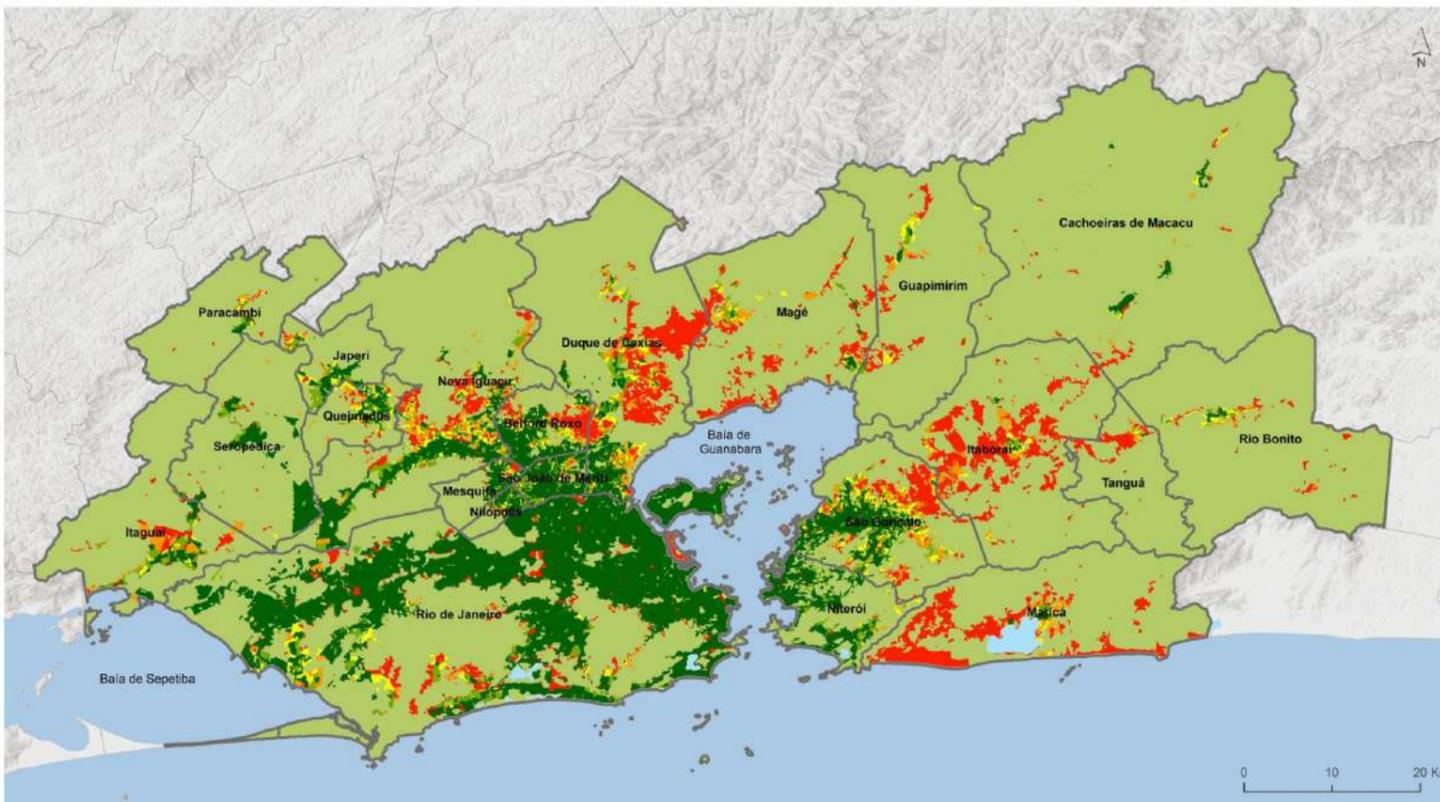


Legenda

- Muito Baixo - Até 40%
- Baixo - de 40% a 70%
- Médio - de 70% a 85%
- Alto - de 85% a 95%
- Muito Alto - Acima de 95%
- Limite Municipal
- Limite Metropolitano
- Limite Estadual
- Área Não Edificada
- Espelhos d'água

Fonte: Plataforma Modelar Metrópole. Disponível em: <https://www.modelarametropole.com.br/> (Sem data)

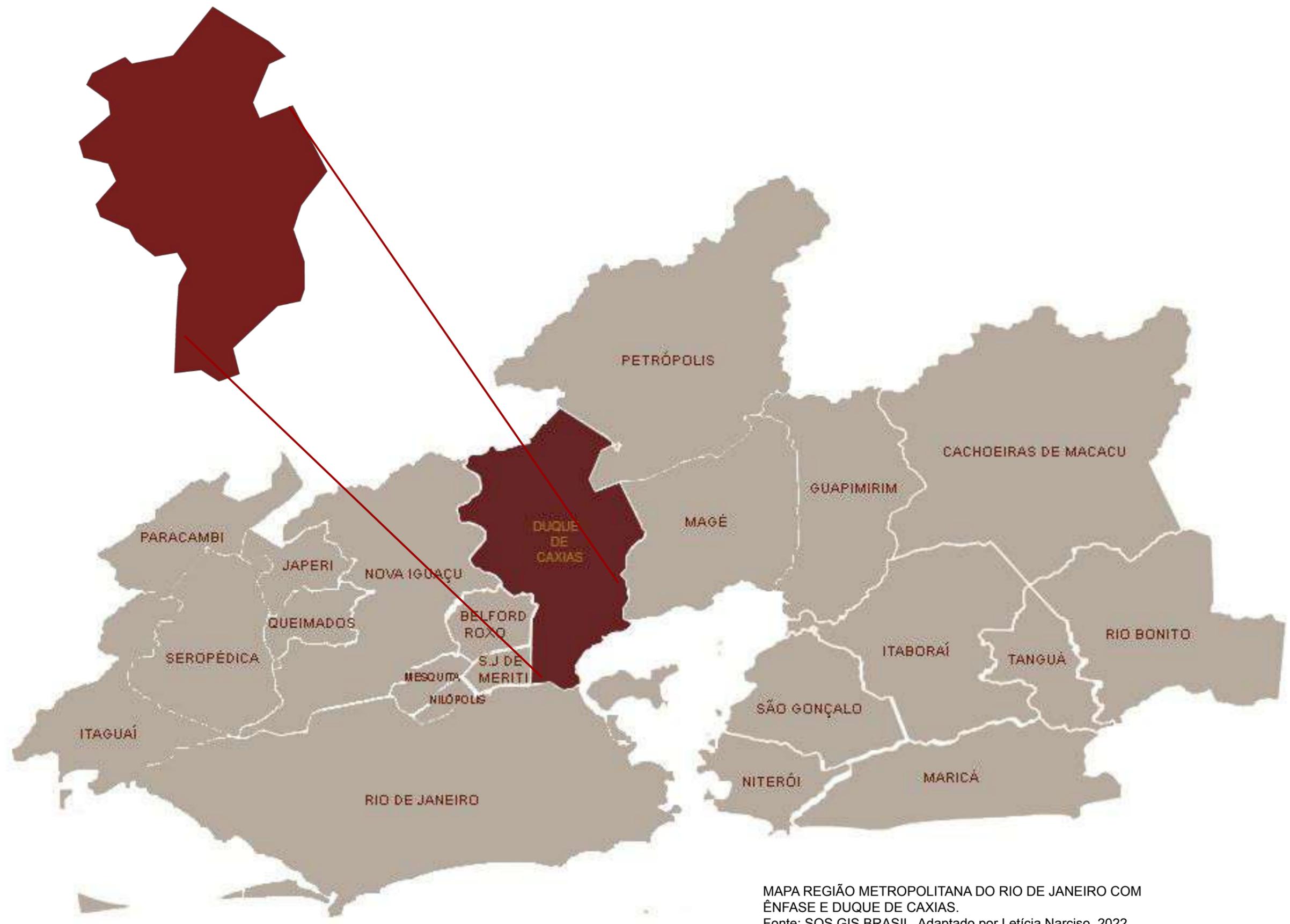
MAPA PERCENTUAL DE DOMICÍLIOS COM ABASTECIMENTO DE ÁGUA.



- Legenda**
- Muito Baixo - Até 40%
 - Baixo - de 40% a 70%
 - Médio - de 70% a 85%
 - Alto - de 85% a 95%
 - Muito Alto - Acima de 95%
 - Limite Municipal
 - Limite Metropolitano
 - Limite Estadual
 - Área Não Edificada
 - Espelhos d'água

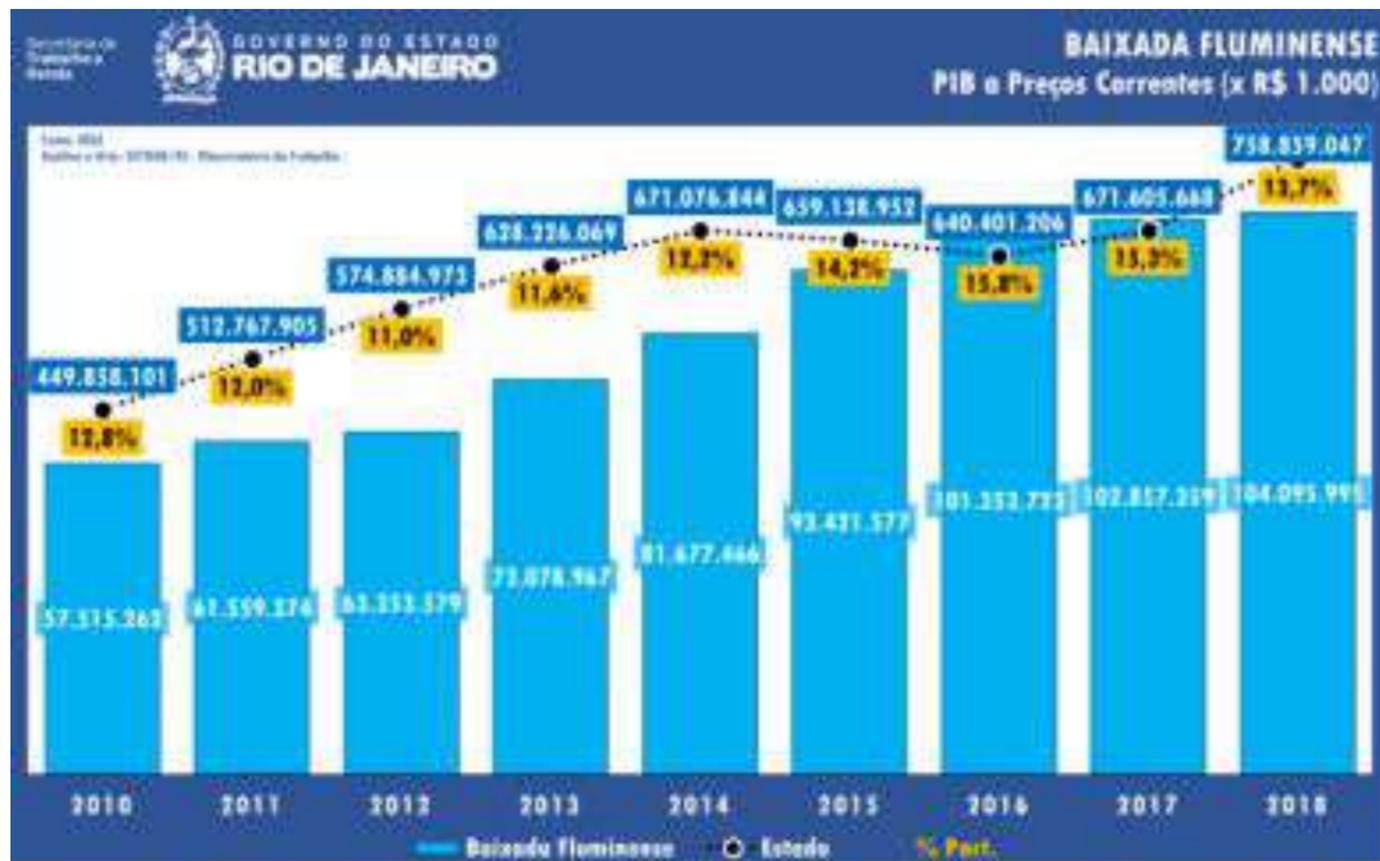
Fonte: Plataforma Modelar Metrópole. Disponível em: <https://www.modelarametropole.com.br/> (Sem data)

Duque de Caxias



MAPA REGIÃO METROPOLITANA DO RIO DE JANEIRO COM ÊNFASE E DUQUE DE CAXIAS.
Fonte: SOS GIS BRASIL. Adaptado por Letícia Narciso, 2022.

GRÁFICO PIB: ESTADO X BAIXADA FLUMINENSE



Fonte: Observatório do trabalho. Disponível em: www.rj.gov.br 2020..

GRÁFICO PIB: MUNICÍPIOS DA BAIXADA FLUMINENSE



Fonte: Observatório do trabalho. Disponível em: www.rj.gov.br 2020..

GRAMACHO

Mapa Bairro Gramacho e seu Entorno



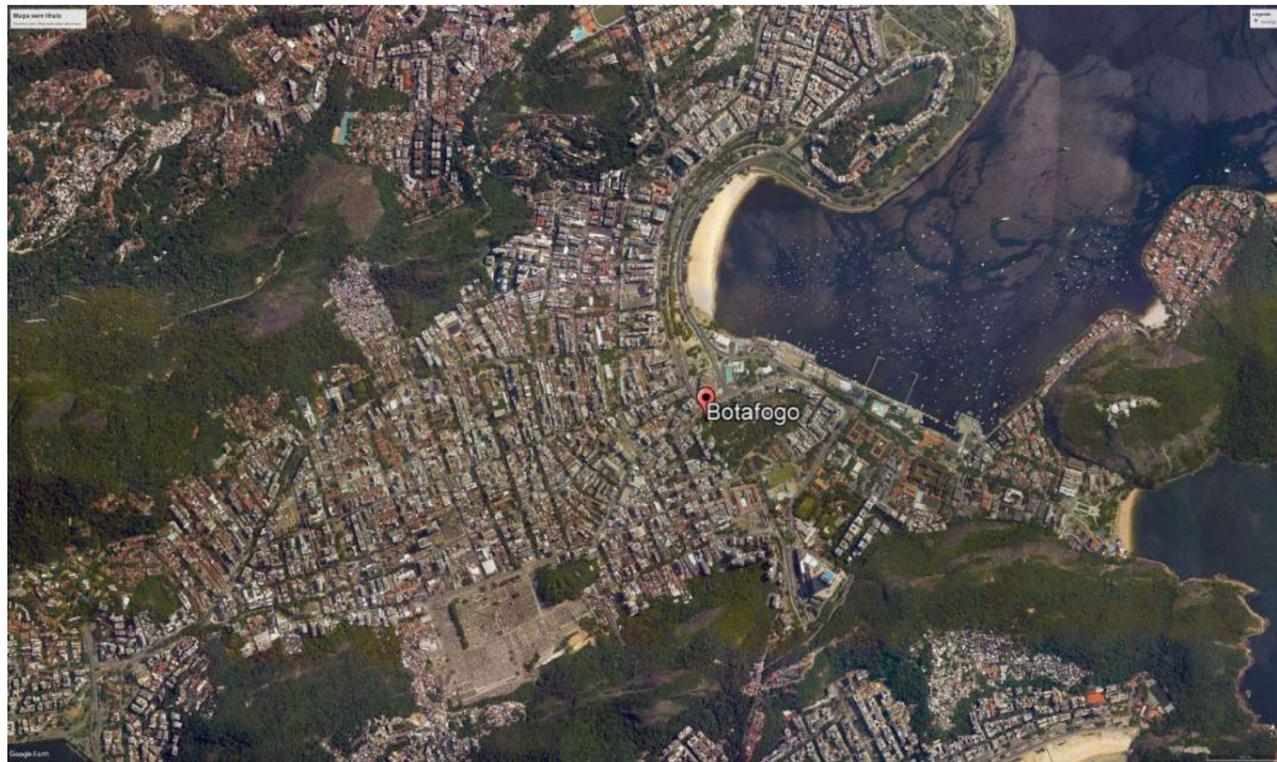
RODOVIA WASHINGTON LUIZ E INDÚSTRIAS



Fonte: Google Earth, adaptado por Leticia Narciso, 2022



MAPA BAIRRO DE BOTAFOGO, RJ



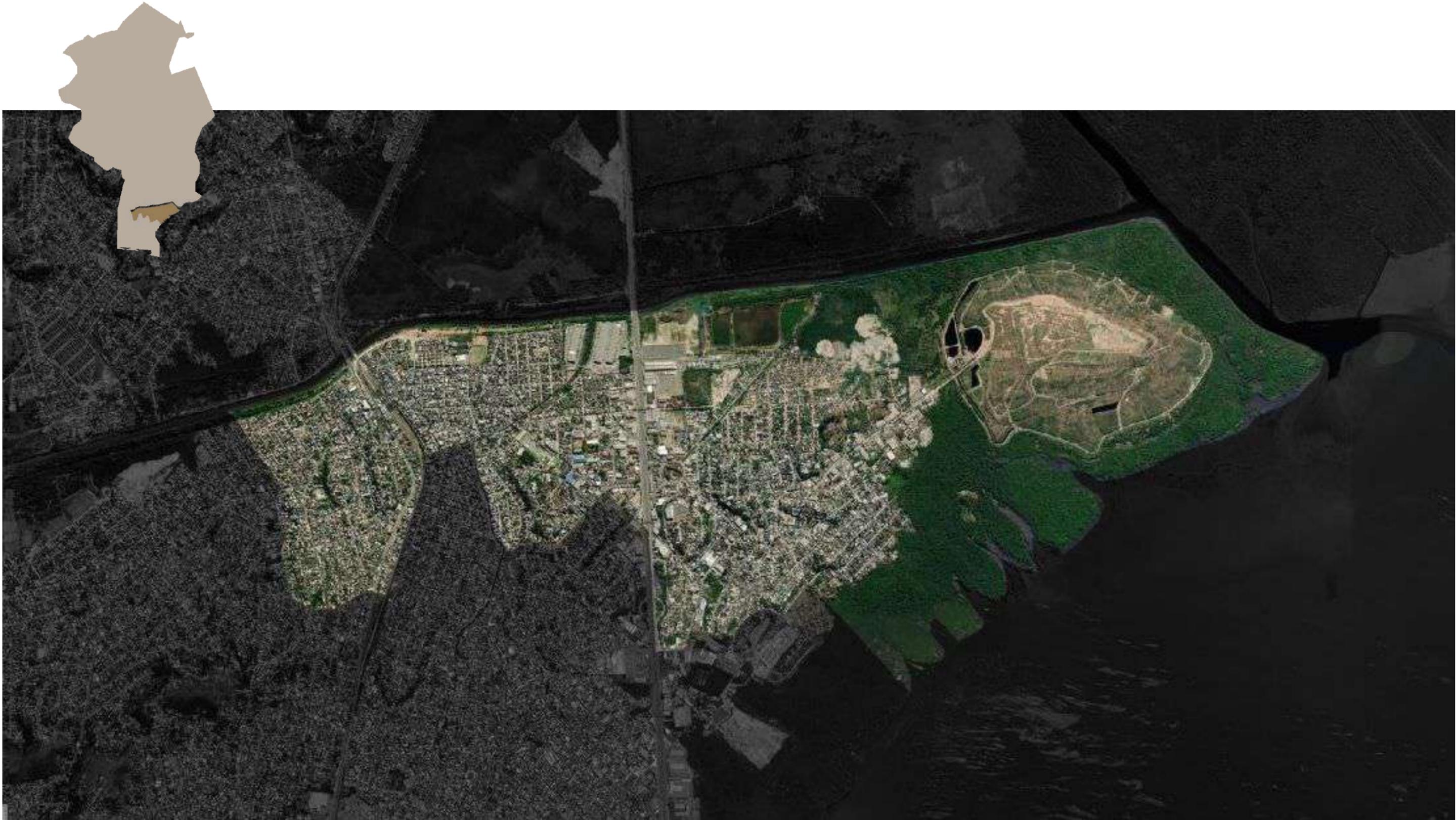
Fonte: Google Earth, 2022

MAPA REDUC, DUQUE DE CAXIAS

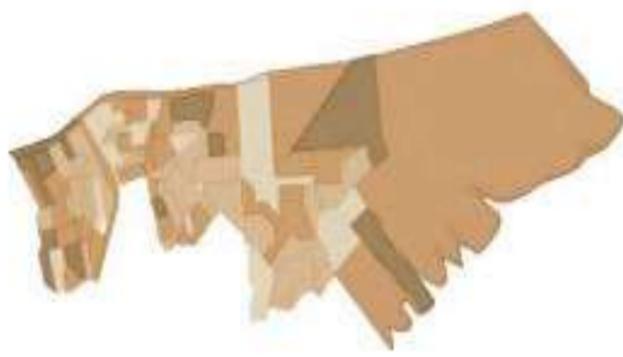


Fonte: Google Earth, 2022

JARDIM GRAMACHO



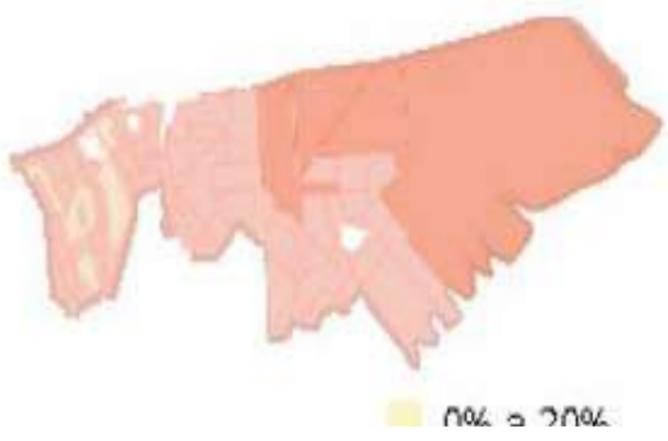
Percentual de pessoas autodeclaradas pretas



Fonte:mprj/Mapas in Loco. Disponível em:[MP em Mapas - InLoco \(mprj.mp.br\)](http://MP em Mapas - InLoco (mprj.mp.br)),(Sem data)

- 0% a 5%
- 5% a 10%
- 10% a 15%
- 15% a 20%
- acima de 20%
- Sem informação

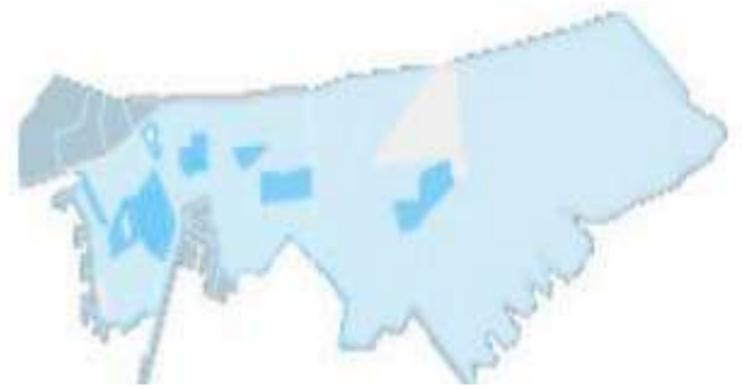
Percentual de pessoas autodeclaradas pardas



Fonte:mprj/Mapas in Loco. Disponível em:[MP em Mapas - InLoco \(mprj.mp.br\)](http://MP em Mapas - InLoco (mprj.mp.br)),(Sem data)

- 0% a 20%
- 20% a 40%
- 40% a 60%
- 60% a 80%
- acima de 80%
- Sem informação

Percentual de pessoas autodeclaradas brancas



Fonte:mprj/Mapas in Loco. Disponível em:[MP em Mapas - InLoco \(mprj.mp.br\)](http://MP em Mapas - InLoco (mprj.mp.br)),(Sem data)

- 0% a 20%
- 20% a 40%
- 40% a 60%
- 60% a 80%
- acima de 80%
- Sem informação

Jardim Gramacho foi o bairro escolhido entre todo território da Região Metropolitana para abrigar o que foi considerado o maior Aterro Sanitário da América Latina, no ano de 1978. Uma área urbana, de um município de grande importância foi escolhido, claramente de uma forma irresponsável e com descaso com a população.



FOTOS TRABALHO VOLUNTÁRIO POR ONG TETO



Fonte: ONG TETO. Disponível em: [TETO no Rio de Janeiro | Flickr](#), 2018

Devido a falta de presença do poder público, do excesso de exploração do território. Jardim Gramacho possui diversas consequências negativas em seu território, pois onde falta poder público há desigualdade, há pobreza e há falta de serviços básicos, como os a seguir:



FALTA DE ÁGUA

Segundo dados levantados pelo IBGE, Duque de Caxias possui 62% de domicílios ligados a rede de abastecimento de água. Porém dados sobre a distribuição de água mostram que há uma insuficiência em relação a demanda que o município precisa, onde localidades que ficam longe dos adutores e canalizadores, não recebem água com pressão, por isso, a CEDAE faz rodízio de abastecimentos entre bairros. Na foto abaixo é possível observar algumas mangueiras passando pelo chão da rua, essa é uma das soluções encontradas pela própria população de ter acesso a água, além de poços e caminhão pipa.

Distribuição e armazenamento de água.
Fonte: Acervo Pessoal,2022.



FALTA DE SANEAMENTO BÁSICO

É comum ver esgoto a céu aberto enquanto caminha-se por Jardim Gramacho, estão sempre muito próximos às casas, levando sérios riscos de desenvolvimento de doenças como: Leptospirose, disenteria bacteriana, cólera, dengue, podendo levar à morte. As residências também não possuem coletas de esgoto, os dejetos são lançados em fossas.

Esgoto à céu aberto

Fonte: Fonte: Revista Usp. Disponível em:file:///C:/Users/Let%C3%ADcia/Downloads/154315-Texto%20del%20art%C3%ADculo-331916-1-10-20190204%20(1).pdf (2018)



MORADIA

A maior parte das casas próximas ao lixão são barracos de madeira, há residências ao lado de rios e mangues, poluídos pelo chorume gerados pelos resíduos despejados em Jardim Gramacho. As casas possuem tamanhos diferentes, algumas possuem quintal que geralmente são usados como depósito de lixo.

Casas com estrutura de madeira.
Fonte: Acervo Pessoal, 2022.



Baía de Guanabara e seus rejeitos poluentes.
FONTE: mar sem fim. Disponível em:
<https://marsemfim.com.br/baia-de-guanabara-semimorta-nao-causa-ignicao/>, 2020.



Baía de Guanabara e seus rejeitos poluentes.
FONTE: Meia nHora. Disponível em:
<https://www.meiahora.com.br/geral/2019/03/5629263-onq-conta-que-baia-de-guanabara-recebe-cerca-de-1-bilhao-de-litros-de-chorume-por-ano.html#foto=1>, 2019.

POLUIÇÃO

O aterro sanitário ocupava uma área ao lado da Baía de Guanabara, logo seu rejeitos, chorumes caíam diretamente nela. Atualmente, mesmo com a desativação do aterro, a Baía continua recebendo um bilhão de litros de chorume, de acordo com a denúncia do Movimento Baía Viva. A presença de chorume prejudica diretamente pescadores que atuam na Baía de Guanabara e claro, não menos importante, a vida marinha que a habita.

A RENDA DO LIXO



Fonte: G1. Disponível em:
<https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/fotos/2012/04/veja-fotos-dos-cata-dores-de-gramacho.html>, 2012

JANELAS DO TERRITÓRIO NOS ANOS DE 2003, 2011 E 2021



2003



2011



2021

Fonte: Google Earth, 2022
Adaptado por Leticia Narciso





JANELAS DO TERRITÓRIO NOS ANOS DE 2003, 2011 E 2021



2003



2011



2021



